Sala 5
Gab. —
Est. 56
Tab. 7
N.º 24

Sala 5
Gab. —
Est. 56
Tab. 7
N.º 24

António Cardoso
Encadernador
115 Calçada de Lisboa 115
Coimbra

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
Biblioteca Geral
1301088752

b17953285

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

PARA O ACTO

DE

CONCLUSÕES MAGNAS

NA

FACULDADE DE MEDICINA

POR

PHILOMENO DA CAMARA MELLO CABRAL

BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE COIMBRA

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1870

A

MINHA MULHER

Argumento:

As diversas raças humanas poderão indifferentemente habitar toda e qualquer linha isothermica?

Será possivel a acclimação dos Europeus nas possessões portuguezas ultramarinas?

INTRODUCÇÃO

> La Jouvence de l'avenir se trouve dans deux choses: Une science de l'émigration, un art de l'acclimatation.
>
> MICHELET.

A hygiene, na sua accepção mais rigorosa, não é mais do que o conjuncto de regras que devemos seguir na escolha dos meios proprios a entreter a acção normal dos orgãos nas differentes edades, differentes constituições, differentes condições da vida e differentes profissões. A discussão theorica de qualquer problema de physica, de chimica, de physiologia, de historia natural, de anthropologia, de pharmacologia, de toxicologia, etc., deve ser-lhe extranha. Ella não comprehende realmente senão a determinação do uso das cousas, collocadas fóra de nós, ou emanadas de nós mesmos, uso dirigido segundo as nossas necessidades para a conservação da existencia e da saude (1).

A hygiene, porem, limitado por esta forma o seu dominio, nada perde da sua importancia, considerada no

(1) Vid. a definição de hygiene no dict. de Nysten.

ponto de vista da sciencia abstracta. Não ha um unico dos seus problemas, cuja solução não exija conhecimentos precisos de todas as sciencias naturaes, e alguns ha, entre elles o da acclimação, que podem concorrer para elucidar as questões mais obscuras de anthropologia. A origem do homem, verdadeiro enygma de Sphynge, que ainda não teve o seu Oedipo, parece na actualidade fatalmente destinada a permanecer nas trevas do desconhecido.

Talvez que, alem das descobertas de paleontologia, o estudo da acclimação, dirigido segundo os preceitos das sciencias modernas, e sustentado por muitos seculos, venha a ser um elemento poderoso de analyse e de inducção para resolver tão importante questão.

Com effeito, se a observação escrupulosa e minuciosa dos effeitos produzidos sobre o organismo pelo meio ambiente, na passagem gradual e demorada de uma região para outra de latitude pouco differente, e d'esta para uma terceira e quarta nas mesmas condições, ou na deslocação rapida de um clima temperado para um torrido, provar que estas influencias, ou são indifferentes, ou são fataes, e que, alem d'isso, as raças não soffrem a mais pequena alteração, tendente a mostrar a possibilidade da transformação d'umas nas outras, e se esta observação se firmar no trabalho proseguido por muitas gerações de sabios, poder-se-ha concluir com uma certa plausibilidade que originariamente as raças humanas foram distinctas, salvo para cada um o direito de explicar a seu modo este mesmo facto.

O que tambem é certo e evidente, é que, se a origem do homem podesse ser determinada pela paleontologia ou pela historia natural das especies existentes, o problema

da acclimação receberia uma grande luz d'essa descoberta. Assim, por exemplo, se se demonstrasse que o primeiro homem era branco, e que a raça preta provem d'essa raiz primitiva, transformada pela acção do clima, concluiriamos que os europeus deviam evitar os paizes excessivamente quentes, porque lá não póde haver acclimação favoravel, pois que só a póde haver, onde não ha degeneração, e o preto é evidentemente um ser degenerado com relação ao branco.

Antes de haver uma grande necessidade de expansão para as populações europeas, e antes d'esta febre de locomoção de que os inglezes nos dão o exemplo mais frisante, o problema da acclimação tinha ficado no dominio da theoria.

Monogenistas e polygenistas traziam cada um a solução mais favoravel ás suas doutrinas. Os primeiros sustentavam a acclimação absoluta e sem limites, por isso mesmo que o homem, originario d'um centro unico, pôde, no decurso de muitos seculos, estender-se sobre quasi toda a superficie da terra. Os segundos, vendo um fim providencial em tudo, concluiram dos muitos centros de criação para a necessidade, que o homem tem de viver, nas condições restrictas de meio que a natureza, sempre previdente, harmonisou com as exigencias do seu organismo. Para uns e outros, seja qual for o resultado a que nos leve o estudo dos factos historicos das emigrações, ou dos factos contemporaneos de colonisação, é esto mesmo estudo completamente inutil.

Como porem, livres de ideias preconcebidas e de prejuizos de eschola, julgamos que a origem, una ou multipla do homem, e o theatro da sua primeira apparição ainda não

foram determinados, pensamos que este problema e o da acclimação poderão no futuro esclarecer-se mutuamente.

Apontando este grande resultado a que nos pode levar o estudo da acclimação das raças humanas, temos tocado com o dedo na principal importancia do assumpto da nossa dissertação, importancia toda abstracta ou de pura sciencia.

Ha, porem, outras considerações, que fazem do problema da acclimação das raças humanas o assumpto mais dominante da actualdade: é o trabalho incessante na concorrencia vital para a conservação e bem-estar material.

O enorme desenvolvimento da industria moderna, o rapido aperfeiçoamento da arte de navegar, os maravilhosos meios de exploração, já nas profundezas do mar, já nas entranhas da terra, que, um e outra, encerram thesouros para a riqueza e thesouros para a sciencia, têm por mutor occulto a necessidade de viver.

Ora d'entre todos os problemas das sciencias humanas, que tenham uma relação immediata com as condições da nossa existencia, o que a tem mais dominante, tanto para prevenir difficuldades futuras, como para remediar os males presentes, é a determinação scientifica das partes do globo habitaveis para cada uma das raças humanas.

A questão da acclimação domina o grave problema da colonisação, que tem sido, nestes ultimos tempos, a unica salva-guarda da miseria e da corrupção dos europeus. Nas condições actuaes da economia social a emigração é necessaria para dar evasão ao excesso de população da Europa, que tinha de ser victima da miseria, pela desproporção do valor, pela pessima organisação do trabalho e do principio de repartição, e finalmente pela excessiva desegualdade das condições.

A lei de Malthus, recebida com indignação pela maior parte dos pensadores, considerada absurda em these, e eminentemente immoral nas suas consequencias, é todavia baseada sobre um facto incontestavel, cada vez mais confirmado de dia para dia, pelos novos resultados das sciencias naturaes: é o crescimento rapido da população.

Charles Darwin deu uma demonstração nova do principio da transformação das especies, fundando-se na progressão rapida, segundo a qual todos os seres organisados tendem a multiplicar-se; a terra seria bem depressa coberta pela posteridade d'um só par, se causas de destruição não interviessem incessantemente. O homem, assim como todos os outros seres da escala animal, está sujeito á mesma lei; a differença é só de grau d'umas especies para outras.

O movimento de população é tal, dado pelas estatisticas de 1815 para cá, que nos Estados Unidos o numero dos habitantes duplica em 25 annos; na Inglaterra em 47; na Russia em 50; na Prussia em 69 e na França em 131. É evidente que, nas circumstancias actuaes da Europa, se não fosse a emigração, a miseria, debaixo de todas as suas terriveis formas — a guerra, a fome, a peste, a doença e a devassidão, estabeleceria o equilibrio entre a população e os meios de subsistencia

Objectar-nos-hão contra a importancia da emigração, para remediar um tamanho mal, que ella é apenas um palleativo, que o verme que ameaça corroer a humanidade, adormecido por algum tempo, acordará mais terrivel ainda d'aqui a alguns seculos

E na verdade, esta objecção parece tomar proporções enormes, quando pensamos que a parte do globo que podemos colonisar não é mui consideravel, e que, se a po-

pulação de todos os paizes duplica em 100 annos, tomando uma media provavel, no fim de 20 seculos haverá um milhão de milhares de homens sobre o globo, isto é, mais do que é necessario para que, sustentando-se todos de pé e tocando-se hombro com hombro, encham a terra.

Apesar de todo o pezo e valor das estatisticas, é fóra de duvida que o crescimento da população europea, nestes ultimos annos, tem sido mais lento, e que basta, para que o mal seja radicalmente curado, que a sociedade assente em bases mais justas.

Se Malthus formulou pela primeira vez em economia politica o principio incontestavel do crescimento da população, conjecturou um outro completamente falso, que é o do crescimento mais lento da subsistencia.

Com effeito, as estatisticas de todos os paizes provam que se a população cresce como 1 : 2 : 4 : 8... a producção cresce como 1 : 4 : 16 : 64....

Quando esta producção for repartida com mais equidade, a Europa poderá ter na abundancia mais do dobro dos filhos, que hoje sustenta na miseria.

O problema mudou spenas de face: já não é a producção que faz falta, é a extensão da superficie do globo. Ora hoje podemos vagamente entrever que nunca se poderá realisar a impossibilidade physica da coexistencia.

Proudhon sustenta o principio, que nos parece eminentemente verdadeiro, de que a vida se esgota alternativamente por duas vias principaes — o trabalho physico e intellectual e o amor sensual (1). Ha um certo antagonismo

(1) Systême des contradictions économiques, p 374 e seguintes.

entre estes dous termos; a castidade é companheira do trabalho intelligente, voluntario e ideal.

O sabio Comte tinha feito a observação de que as classes indigentes, aquelles cujo trabalho é apenas physico, são as mais fecundas de todas. Ora o trabalho cresce, especialisa-se e aperfeiçoa-se com o augmento de população: logo, tempo virá em que haja um tal equilibrio entre o trabalho e a força de reproducção, que a população tornar-se-ha verdadeiramente estacionaria. Por outro lado, quando o desenvolvimento intellectual do homem fôr mais adiantado, a justiça, immanente no coração do homem esclarecido, dirigindo os actos da vida individual, estabelecerá a harmonia na especie. Em taes circumstancias, a castidade voluntaria será frequentissima; e se me perguntardes, diz Proudhon, quaes serão os castos, responderei que serão esses mesmos que hoje vivem na libertinagem.

Ha naturezas privilegiadas, que espontaneamente consentem no sacrificio do celibato.

Declarámos inutil o remedio, proposto por Malthus á miseria humana, de adiar o casamento para os 30 ou 40 annos, remedio que, embora fundado nos mais sagrados sentimentos de justiça, era susceptivel de interpretações immoraes, e impossivel de realisar-se.

Nas sociedades de hoje não podia sustentar-se por muito tempo a lucta entre as sollicitações da natureza e os impedimentos das conveniencias sociaes.

Demonstrada a alta importancia da colonisação para evitar a miseria e o aniquilamento da familia nas sociedades europeas, e finalmente para dar maior campo ao desenvolvimento da lucta na concorrencia vital, tão necessaria ao aperfeiçoamento do homem, pergunta-se: para

onde poderá, em melhores condições, dirigir-se esta corrente de emigração? Espera-se a resposta da climatologia; por outras palavras, esta parte da hygiene tem por fim «guiar as populações neste grande movimento de emigração, que apenas começa e que é a via do futuro; dirigir os governos nas suas emprezas de colonisação, na escolha das suas estações militares e na séde de suas feitorias; e finalmente indicar ás diversas raças os paizes, que podem habitar sem perigo, e aquelles cuja habitação devem evitar (1) »

Infelizmente os documentos medicos, que hoje possuimos para resolver a questão, são por tal fórma incompletos, que mais podemos mostrar o que se deve fazer, ou o que deveria ter sido feito, do que trazer com elles uma solução definitiva ao problema da acclimação das raças humanas.

As estatisticas demographicas de quasi todos os paizes não são analyticas, indicam apenas os resultados, mas não mostram os elementos que os produziram.

Conhece-se o numero approximado da população de muitas colonias, sabe-se ainda a sua mortalidade annual, mas ignora-se a parte que nesta mortalidade toca á influencia das edades, das profisssões, das doenças sporadicas, endemicas ou epidemicas, ou finalmente á influencia dos climas no que elles têm de mais geral — a temperatura e a tensão do ar. Todavia, desde os primeiros trabalhos de climatologia de Humboldt, que appareceram em 1817, os medicos, de quasi todos os paizes, não cessaram de contri-

(1) Nouveau dict. de méd. et de chir. art. *climat*, p. 49.

buir cada um com o seu pequeno auxilio para a solução d'este importantissimo e difficillimo problema, entre elles alguns lhe tem dedicado generosamente quasi toda a sua vida (Boudin).

Se, para uma certa e determinada localidade, ainda não foi apresentado um juizo definitivo com relação ao seu clima, se apenas para algumas ha um juizo provavel, em compensação alguns resultados geraes foram já obtidos.

Os paizes, situados debaixo da zona torrida, são na generalidade, com excepção de algumas ilhas, ou de algumas planuras elevadas, inhabitaveis pelos europeus, ou porque a mortalidade seja superior aos nascimentos, ou porque a raça soffra degeneração.

Que as populações e os governos ouçam os conselhos dos medicos, talvez muitos dos desastres succedidos nas emprezas de colonisação se possam evitar para o futuro. Os erros d'esta ordem de cousas são sempre graves, porque se traduzem por immensos sacrificios de dinheiro e de homens.

Por todos estes motivos não podiamos escolher em todo o vasto dominio da hygiene um assumpto mais importante do que o da acclimação das raças humanas. Esta materia é, porém, tão importante e tão attrahente pelo resultado a que se chega, quanto infadonha e fastidiosa na analyse dos factos, que devem constituir a sua demonstração. O principal recurso dos medicos é uma infinidade de numeros, que exprimem o movimento de população, tirados dos relatorios officiaes, ou directamente dos registros civis ou parochiaes.

Estes documentos, que os medicos têm collegido com tanta difficuldade, referem-se quasi exclusivnmente aos fa-

ctos contemporaneos da colonisação da America, da Africa e da India. Bertillot (1) foi o primeiro que procurou, na historia das remotas emigrações dos povos de origem aryana alguns elementos, até então desconhecidos, que são de algum valor no estudo da influencia dos climas sobre as populações, emquanto nos mostram as modificações que essas populações soffriam com as novas condições de meio. O seu trabalho é tambem o mais completo e o mais bem feito de todos quantos lêmos sobre o nosso assumpto, posto que, muitas vezes, o auctor force demasiadamente certos factos historicos, sem importancia alguma, debaixo do ponto de vista especial da acclimação.

Seguiremos na composição d'este escripto o exemplo de Bertillot, dando todavia um pequeno desenvolvimento aos factos historicos, para o dar mais extenso aos factos contemporaneos de colonisação, mais bem estudados, e por isso de maior valor.

Temos fallado até aqui no problema geral da acclimação, especialmente no que se refere á sua importancia e ao estado a que o levaram os estudos modernos de climatologia; resta-nos agora apontar o que podémos fazer com relação á segunda parte da nossa dissertação, em que se tracta particularmente da acclimação dos europeus nas possessões portuguezas ultramarinas.

No principio das indagações que fizemos em todos os escriptos relativos ás possessões portuguezas, aonde poderiamos encontrar algum documento importante, tivemos muita esperança de poder trazer, com o nosso trabalho, alguma

(1) Dict. encycl. des sciences med. art. acclimatement.

luz a uma questão, que todos julgam de tanta importancia, no estado actual de nossas cousas; mas foram inuteis todos os esforços que empregámos, não só porque o numero de colonos, que habitam as possessões portuguezas ultramarinas, é diminuto, mas ainda, porque o pouco que se poderia ter feito foi completamente desprezado, graças á incuria dos governos e ao desleixo dos medicos da marinha.

Em 1835 o sr. dr Bernardino Antonio Gomes, então presidente do Conselho de Saude Naval, deu aos facultativos que iam em serviço publico para as possessões portuguezas de Africa as seguintes instrucções:

1.° Deverão indicar e descrever a posição de cada localidade, sua extensão, população, clima, estações, e o modo por que estas se succedem;

2.° Quaes as molestias que costumam reinar nas differentes epochas do anno, quaes as causas provaveis que as produzem e alimentam, sendo estas procuradas nas differentes condições locaes, no genero de alimentação, modo de vida, habitos, etc. Por que fórma se apresentam as dictas molestias, qual é a sua terminação, e os methodos de tractamento que se costumam empregar;

3.° Deve fazer-se egual exame relativamente ás molestias, que existem nas povoações dos naturaes do paiz, e examinar-se com cuidado que methodo de tractamento elles costumam empregar, indicar as substancias de que para isso se servem....

Folheámos toda a collecção dos boletins e annaes do Ultramar a ver se algumas d'aquellas instrucções tinham sido preenchidas, e não encontrámos um unico relatorio dos medicos da marinha, feito com esse fim. Um ou outro,

que apparecia, era destinado a dar noticia ao governo das medidas tomadas, para evitar os grandes estragos d'uma ou outra epidemia de cholera ou de febre amarella. É para lamentar esta grande falta, porque, tanto o governo como os habitantes de Portugal, precisam saber rigorosamente a sorte dos colonos, que se dirigem para as possessões do continente africano. Actualmente é impossivel dizer nada de preciso sobre a acclimação dos portuguezes, e em geral dos europeus, nas possessões portuguezas da Africa, assim como sobre todas aquellas cujo clima é considerado insalubre.

Entendemos que era do nosso dever fazer esta declaração, para que se nos releve a deficiencia do 2.ª parte d'este trabalho, que é devida, não á falta de esforços que deixassemos de empregar para fazer alguma cousa util, mas sim ao profundo silencio que todos guardam com relação ás varias questões que nos poderiam interessar.

PRIMEIRA PARTE

As diversas raças humanas poderão indifferentemente habitar toda e qualquer linha isothermica?

I

Discussão das theorias sobre a origem do homem; definição de acclimação e suas divisões; definição e divisões dos climas; quadro ethnographico das principaes raças humanas

> Non excogitandum neque fingendum, sed inveniendum quid natura faciat aut ferat.
>
> Bacon.

Desde que a anthropologia tomou um certo desenvolvimento, e que se começou a dar á historia natural do homem toda a importancia que merece, duas doutrinas notaveis, e oppostas, tomaram quasi simultaneamente o seu logar definitivo no campo dos debates scientificos, firmada cada uma nos importantes trabalhos dos seus respectivos sectarios e em milhares de observações, archivadas nos livros dos naturalistas dos seculos passados, que sem lhes comprehenderem o alcance, amontoaram elementos importatissimos para na solução do problema da origem do ho-

mem, e para muitos outros, que tentam avassallar os profundos trabalhos de investigação, de critica e de analyse dos escriptores do seculo XIX.

Essas duas doutrinas, a que nos queremos referir, são o monogenismo e o polygenismo, e os seus respectivos defensores, monogenistas e polygenistas. Uns admittem que todos os homens pertencem a uma e mesma especie, alojada primitivamente na circumscripta região, aonde foi creado o primeiro par, que é para muitos as altas regiões da Asia. Os outros sustentam a multiplicidade das especies humanas, e portanto a multiplicidade dos centros de creação, cujo numero é mais ou menos restricto, consoante a opinião dos diversos escriptores. Estas duas doutrinas, tão oppostas em apparencia, são todavia filhas legitimas de uma outra mais geral e mais antiga: é a doutrina classica da creação primitiva das especies, e da sua permanencia como grupos naturaes, insusceptiveis de se transformarem uns nos outros.

Desde Buffon e Linneu até M. de Quatrefages é sempre a mesma feição de pensar e de discorrer; um ou outro, que se afaste do caminho trilhado pelos illustres sabios da tradição, é lançado á margem e esquecido.

Nestes ultimos annos Charles Darwin veiu coroar a obra de Lamarkc, e expulsar do seu throno de dominio absoluto a velha doutrina, que tanto desprezo ostentou pelo systema d'este illustre naturalista, que foi, entre os seus contemporaneos, o espirito mais capaz de sentir e comprehender a realidade da natureza.

Encontram-se na historia das sciencias certos systemas, certas crenças philosophicas, certas opiniões, que hoje nos admiramos como poderam por tanto tempo dominar o es-

pirito dos homens esclarecidos. Tal é a crença facil, commoda e affirmativa da perpetuidade e da inalterabilidade das especies. A justa apreciação d'esta doutrina não é sem importancia, para ajuizar das diversas opiniões, apresentadas sobre os verdadeiros limites do poder de acclimação proprio a cada raça humana; e por isso lhe consagramos algumas linhas neste trabalho que, por sua natureza, deve afastar-se o menos possivel do fim a que é destinado.

O debate tem sido perfeitamente limitado nestes ultimos tempos, e cifra-se quasi exclusivamente na definição que se deva adoptar de especie. A eschola mais ortodoxa define-a: o conjuncto dos individuos que descendem, em linha recta, e sem mistura, d'um par unico e primordial.

Quem não vê transparecer em todas estas palavras a ideia de creação? Este par unico foi tirado da materia inorganica, pela vontade divina: Deus creou a vida num momento dado, e infundiu-a em certos moldes: eis a origem das especies animaes e vegetaes.

Não se concebe como a ideia de creação entrasse no espirito humano, senão por uma illusão ou por uma analogia grosseira. Na verdade, qualquer phenomeno subsequente, cujo antecedente seja desconhecido, parece o nada, feito alguma cousa por um poder creador.

A nuvem, por exemplo, que fluctua nos ares, sem se lhe conhecer a origem nem o destino, parece creada e suspensa por um capricho do Omnipotente.

Por outro lado, o universo, considerado no seu conjuncto, impõe-se aos espiritos mais serios como um immenso machinismo, composto de partes sabiamente dispostas e combinadas para um fim determinado, e não podia por isso deixar de saltar ao espirito a comparação com as nos-

sas machinas, que não trabalham sem que o machinista, que dispoz cada uma das peças, lhes dê o impulso primitivo.

Analogia grosseira!... Pois não é evidente que na formação das nossas machinas houve apenas combinação de elementos já existentes, e que, se quizermos explicar a existencia do universo, teremos de recorrer á creação dos seus elementos constituintes? Construcção, ou combinação, e creação são termos heterogeneos, que se não podem comparar, nem explicar um pelo outro.

Se qualquer de nós quizer explicar a si proprio o que seja crear ou tirar do nada, não o consegue; portanto a ideia de creação é um dogma e um mysterio para o theologo e para o crente, mas não pode ser um conceito claro e intelligivel para o philosopho, e muito menos um facto do dominio das sciencias naturaes.

O que acabamos de dizer, com relação á creação do mundo, podemos dizel-o com relação á creação das especies animaes e vegetaes; porque nem a observação nem o raciocinio ainda nos poderam dizer como as cousas se passaram.

Pelo contrario, a observação diz-nos que entre o galgo e o terra-nova, animaes considerados pela eschola classica como pertencendo á mesma especie, ha mais differença do que entre o cão e o lobo, que formam duas especies distinctas, segundo a classificação adoptada pela mesma eschola; e o raciocinio, ajudado pelo resultado de todas as sciencias, ainda não pôde determinar o centro de creação de qualquer especie e os caracteres dos primeiros progenitores.

Alguns naturalistas da eschola que atacamos, reconhecendo o valor d'estas objecções, quizeram fixar como ca-

racter distinctivo absoluto, entre especie e raça, um outro elemento, consignado nas suas definições: os animaes que, unindo-se, podem dar productos fecundos, cujos descendentes sejam egualmente fecundos, são declarados animaes da mesma especie; aquelles, porem, cuja união é esteril, ou cujos descendentes não possuem senão uma fecundidade decrescente e em breve extincta, são pelo contrario classificados em especies differentes.

A doutrina recebeu neste ultimo reducto o golpe mais fatal com que a podiam ferir.

A experiencia tem com effeito demonstrado que especies, consideradas como evidentemente distinctas pela eschola classica, dão pelo seu cruzamento productos perfeitamente eugenesicos: taes são os hybridos do cão e do lobo, da lebre e do coelho, do Camelus Bactrianensis e do Camelus Arabicus, dos camelos da America (C. Lama, C. Alpaca, C. Viconia).

Um facto, mais frisante ainda, é a existencia de hybridos indefinidamente fecundos, filhos do cruzamento de dois generos differentes, do bode e da ovelha. A carne e a pelle d'estes ultimos hybridos constituem com effeito um ramo importante de commercio no Chili.

Não ignoramos que os factos demonstrativos da fecundidade illimitada de todos estes hybridos têm sido diversamente interpretados pelos differentes escriptores, negando lhes alguns o valor que lhes attribuimos; é certo, porém, que hoje começam a ser recebidos sem contestação por quasi todos os naturalistas; e, se não fosse o receio de sermos demasiadamente extensos, para responder com clareza e precisão a todos os que contestam o seu valor, entrariamos tambem nessa discussão.

Com relação ao homem todas as difficuldades tomam maior vulto. O grupo humano constituirá um genero subdividido em muitas especies, ou pertencerão todos os homens á mesma especie? Pergunta inutil, a que se não deve responder segundo os principios que acabamos de expôr, mas á qual tem respondido cathegoricamente a maior parte dos escriptores da eschola classica, affirmando que o homem constitue evidentemente uma unica especie.

Parece-nos incrivel que estes naturalistas se tenham illudido, por tanto tempo, com uma opinião tão erronea e tanto em contradicção com os verdadeiros principios das sciencias naturaes.

Pelos caracteres anatomicos as raças humanas differem entre si muito mais do que as especies de muitos generos. Por outro lado, os costumes, a linguagem, a religião, a chronologia e a historia de todos os povos e de todas as raças, são impotentes para demonstrarem que o homem irradiasse d'uma unica região limitada, e que descenda de um unico progenitor.

Como, pois, se quer demonstrar que todas as raças humanas são o resultado das modificações impressas á organisação do homem pela influencia dos meios? Quando esta influencia fosse capaz de produzir taes modificações, o que não pôde ser demonstrado de maneira alguma, seria preciso provar em primeiro logar que o homem, creado num logar determinado, começou em seguida a sua vida de peregrinação; mas é este um facto de tal ordem que, a ter existido, ainda hoje parece fóra do dominio das sciencias naturaes, como já tivemos occasião de dizer.

Compulsando todos os trabalhos de Quatrefages sobre a questão, mais nos convencemos da impossibilidade de re-

solver o problema. M. de Quatrefages, com effeito, apenas demonstra que entre as raças extremas da especie humana ha uma infinidade de variedades, cujas differenças são insensiveis, e que portanto foi possivel a passagem d'umas para as outras. Emquanto á possibilidade d'o homem passar d'um continente para outro, da Europa para a America, e da Asia ou da Africa para as ilhas da Oceania, tambem nos mostra que não repugna admittir estas longinquas emigrações.

Dado e concedido que isto assim podesse ser, resta demonstrar a realidade do facto. Ora é exactamente isto que M. de Quatrefages não consegue, e é neste ponto que está a grande falha do seu trabalho (1).

Domonstrar a possibilidade d'uma cousa não é demonstrar que a cousa tenha existido ou exista; estas facilidades são só permittidas pelos metaphysicos, e usadas entre elles.

Vem finalmente o velho argumento para provar a unidade da especie humana: Os mestiços das diversas raças são eugenesicos: logo existe uma unica especie humana. Por este raciocinio subordina-se a classificação anatomica a um elemento physiologico, fornecido pelo estudo dos phenomenos da geração.

O problema assim posto gira num verdadeiro circulo vicioso. Qual é o raciocinio *á priori* que demonstra a importancia d'esta funcção de geração como caracter de valor especifico? Em sciencias naturaes só se considera como

(1) Vid. Quatrefages, L'unité de l'espèce humaine et Recueil de rapports sur les progrès des sciences et des lettres.

tal aquelle que subordina os outros; ora, se a observação nos diz que os caracteres anatomicos estão em desharmonia com a ideia de filiar as diversas raças humanas numa só especie, e que portanto não concordam com o valor que se quer attribuir aos phenomenos da geração, como é que havemos de desprezar aquelles para attender sómente a estes? Mas o que ultimamente tem sido demonstrado com grande espanto dos monogenistas, e o que destróe pela base a sua doutrina, é que os cruzamentos humanos não são todos eugenesicos, e alguns dão resultados muito inferiores aos da hybridez eugenesica dos animaes.

Assim, os mestiços da raça germanica (Anglo-Saxonios) e das raças melanesianas (australianos e tasmasianos) são pouco viaveis e muito pouco fecundos logo na primeira geração, e parecem completamente infecundos nas gerações subsequentes.

Os resultados são quasi identicos na Carolina do Sul e na Jamaica pelo cruzamento dos mesmos Anglo-Saxonios e dos pretos para alli transportados.

Os mestiços de raças menos dissimilhantes são sómente muito inferiores ás raças mães: taes são os mestiços dos hollandezes e dos malaios, e os lambos, ou mestiços de negros e indios.

Entrámos nesta discussão para combater os monogenistas com os seus proprios argumentos. Qual a conclusão a que devemos chegar? Pelo que acima deixamos dicto conclue-se que não acceitamos os principios da eschola classica, e que o problema da origem do homem, tractado por monogenistas e polygenistas, ficou sempre insoluvel.

Á theoria da formação das especies por actos creadores, oppômos a theoria de M. Darwin da eleição natural, que

tem a seu favor a observação e a experiencia, que responde a todas as objecções com argumentos tirados do estudo da natureza, e não com uma hypothese meramente gratuita.

Todos os naturalistas, de todas as escholas e seitas, admittem que accidentalmente pode apparecer, num ou mais animaes de certo grupo, uma modificação qualquer funccional ou organica, a qual, transmittida e conservada pela hereditariedade, pode produzir uma variedade. Admittem egualmente que todos os sêres se multiplicam segundo uma progressão crescente, e que por isso, não só os individuos, mas ainda as especies, os generos e as classes, travam lucta constante para disputarem a alimentação. Ora é sobre estes dois factos incontestaveis que Darwin fundou a sua theoria. É esta lucta para conservar a vida que elle denominou concorrencia vital; e á conservação e aperfeiçoamento, que necessariamente deve dar-se, de qualquer modificação organica ou funccional favoravel aos concorrentes, chamou elle eleição natural.

D'estes dous factos deduz-se immediatamente um terceiro, e vem a ser — que as variedades inferiores devem succumbir na lucta que lhes offerecem as superiores; e como, de variedade em variedade, podemos admittir uma, que se afaste notavelmente da especie mãe, segue-se que, se os typos intermedios desapparecerem, esta variedade ultima será considerada como especie distincta da primitiva.

A eschola classica não tem com effeito outro meio de distinguir as raças das especies: quando d'um grupo de sêres se passa para outro por uma transição insensivel, esses grupos constituem raças, e quando as differenças são mais pronunciadas, formam especies; portanto, se uma raça intermedia fôr destruida na concorrencia vital, ap-

parecem dous grupos de sêres, formando duas especies, aonde havia d'antes uma só.

Esta théoria tem a immensa vantagem de nos mostrar os phenomenos naturaes manifestando-se pelas proprias forças da natureza, e não pela vontade caprichosa d'um ser, cujas intenções são sempre para nós mysteriosas.

Na verdade, repugna admittir que o prototypo de cada uma das especies sahisse da terra, já completo e formado, como Minerva, que sahiu armada da cabeça de Jupiter, ou como esses ratos, que os padres do Egypto diziam nascidos do limo do Nilo; e mais nos embaraçam ainda as destruições e creações successivas, que são a consequencia necessaria dos cataclysmos, admittidos pelos auctores, que sustentam o renovamento integral de todas as populações a cada epocha geologica. Fazer do Omnipotente um obreiro inconstante, que faz e desfaz a mesma obra para se distrahir, é amesquinhar e ridicularisar a ideia de Deus. Actualmente que possuimos a systematisação positiva das sciencias naturaes, deve banir-se do dominio d'estas sciencias a intervenção de causas sobrenaturaes. A theoria da transformação das especies, firmada em muitissimos factos de historia natural, preenche este fim. As especies superiores apparecem-nos, sem milagre, como o producto de especies inferiores, e assim successivamente, até chegarmos á cellula ou origem rudimentar da materia organisada, que então facilmente podia ser produzida pela força plastica do globo, manifestada numa das phases porque passou a terra antes da sua constituição definitiva.

O homem, que é o ser mais perfeito da eschala zoologica, é o aperfeiçoamento de organismos inferiores; mas qual é a especie immediata em linha descendente? Que

logar e que extensão occupava ella? Porque meios se espalhou por toda a superficie da terra? Darwin, no seu principal trabalho — *De l'origine des espèces* — não pode responder a estas diversas questões, e nós concluimos com elle pela mesma impossibilidade.

Alguns monogenistas e polygenistas têm eivado de erros o problema pratico da acclimação, forçando e torturando os factos, para os submetter ás suas ideias preconcebidas e aos seus prejuizos de eschola. Os primeiros sustentam que todas as raças humanas são absolutamente acclimaveis, por isso mesmo que são descendentes d'um unico typo, que pôde adequar-se ás condições climatologicas dos paizes de toda a superficie do globo. Os segundos, por uma hypothese gratuita, dão como demonstrado que o homem não pode transgredir a lei fatal, que a natureza impoz a cada uma das raças humanas, de viver no limitado centro de sua creação.

Ter demonstrado a incompetencia das duas doutrinas para resolver a questão que nos occupa, é ter afastado as duas mais poderosas causas de falsas asserções, e por isso julgamos muito conveniente a curta digressão que fizemos no campo da zoologia.

O problema da acclimação não pode ser resolvido, senão pelo estudo e analyse dos factos historicos e contemporaneos de emigração. Nestes movimentos lentos ou rapidos de passagem d'uma região para outra, poderemos observar uma de duas cousas: ou a gente deslocada pôde resistir á influencia do clima, e perpetuar na sua patria de adopção; ou foi maleficamente influenciada pelo novo ambiente, e começou por isso a degenerar e a desapparecer, em consequencia d'uma mortalidade superior aos nascimentos.

No primeiro caso houve acclimação, isto é, deu-se esta revolução espontanea pela qual o organismo, transportado num clima novo, consegue harmonisar-se com novas condições funccionaes; no segundo não a houve.

Os auctores costumam dividir a acclimação em grande e pequena acclimação, consoante ella resulta da transmigração d'um clima para outro muito diverso, ou da passagem d'um meio para outro pouco differente. Na primeira, as alterações, que experimenta o homem, são profundas e muitas vezes graves; na segunda, ha apenas leves modificações para o organismo. Não são as distancias do oriente para o occidente, que marcam as principaes differenças do clima, mas sim as do norte para o sul, segundo as latitudes; de sorte que muitas vezes vemos um povo deslocado do seu paiz a grandes distancias na direcção EO. accommodar-se facilmente ás novas condições de meio, em quanto que outro, percorrendo um curto espaço na direcção NS., succumbe no novo paiz. Assim, por exemplo, a differença entre o clima de Paris e o de Quebec é menor do que a que existe entre o clima de Marselha e o de Argel, apesar da distancia no primeiro caso ser incomparavelmente mais consideravel.

Devemos tambem distinguir a acclimação individual, na qual basta que o individuo possa viver na sua nova patria, da acclimação de raça, que se não pode realisar, sem que esta se mantenha e se perpetúe, independente de novos contingentes da metropole, e sem que tenha necessidade de braços estranhos, para cultivar o solo que a deve nutrir.

Não nos occuparemos senão d'esta ultima, que é a que pertence verdadeiramente ao dominio da hygiene publica;

a primeira servirá apenas para esclarecer as questões relativas a qualquer paiz, em que não ha o sufficiente numero de gerações para se provar, com a experiencia, a acclimação de raça.

Este problema é complexo, e precisa, para ser resolvido em cada caso particular, o estudo analytico do clima, das condições locaes e da raça. É por isso que, antes de descermos ás especialidades, vamos expor a definição de clima e as suas principaes divisões, apresentando um rapido escorço do quadro ethnographico das principaes raças e familias humanas.

Humboldt define o clima da maneira seguinte: «É o conjuncto das variações atmospherica, que affectam os nossos orgãos d'uma maneira sensivel: a temperatura, humidade, mudanças de pressão atmospherica, o socego d'esta, ventos, tensão mais ou menos forte da electricidade, pureza do ar ou a presença de miasmas mais ou menos deleterios, e finalmente o gráo ordinario de transparencia e de serenidade do céo» (1).

Comprehende-se que, para alterar qualquer d'estes elementos, muitas circumstancias influam poderosamente: a latitude, a longitude, a proximidade dos mares ou dos rios, a visinhança de florestas, a configuração e natureza do solo, a maior ou menor elevação do terreno acima do nivel do mar e muitas outras condições, que deixamos de enumerar, todas concorrem mais ou menos para modificar o clima, ou para lhe dar uma feição especial.

A temperatura, que é um dos elementos mais importan-

(1) Cosmos, Paris, 1846, t. 1, p. 376 e 380.

tes na especificação dos climas, é tambem a que mais directa e profundamente é modificada por todas as circumstancias acima referidas, e por muitas outras, permanentes ou accidentaes. São causas de elevação da temperatura: «na zona temperada, a visinhança d'uma costa occidental; a orientação d'uma terra relativamente a um mar livre de gelos, ou com relação a um grande continente, collocado sobre o mesmo meridiano, no equador, ou ao menos no interior da zona tropical; a direcção sul e oeste dos ventos reinantes, no litoral occidental d'um continente na zona temperada; as montanhas servindo de abrigo contra os ventos vindos de paizes mais frios; a ausencia de florestas sobre um solo secco e arenoso; a serenidade constante do céo no verão; finalmente, a visinhança d'uma corrente maritima de aguas mais quentes que as do mar ambiente.»

«Entre as causas que abaixam a temperatura media M. de Humboldt aponta: a altura, acima do nivel do mar, d'uma região sem planuras consideraveis; uma grande extensão de terras para o polo; as montanhas que impedem o accesso dos ventos quentes, ou a visinhança de picos elevados; lagoas numerosas, formando, ao norte, até ao meio do verão, verdadeiros cumes de gelo no meio das planicies; e finalmente, um céo puro de inverno, ou um céo nebuloso de verão» (1).

A theoria da influencia de cada uma d'estas causas é facil. A latitude influe na temperatura, porque a acção do sol sobre uma região é tanto mais notavel, quanto os seus

(1) Boudin, *Traité de géograph. et de estatistique médicales*, t. 1, Paris, 1857, p. 217 e 218.

raios lhe incidem menos obliquamente; e como esta obliquidade augmenta, partindo do equador para os polos, segue-se que a temperatura decresce seguindo esta direcção. Se não houvesse condições locaes, para influir na temperatura, esta iria decrescendo gradual e progressivamente com a latitude. Todos os paizes situados na mesma latitude teriam a mesma temperatura; mas as causas pertubadoras locaes influem muito, e adiante veremos que as linhas isothermicas são curvas irregulares com relação ás latitudes.

Pelo que respeita á acção das grandes massas d'agua, diremos que ellas influem na temperatura dos diversos paizes, attenuando a differença que existe entre a temperatura do verão e a do inverno, a qual é minima nas costas, e notavel nos paizes situados no interior dos grandes continentes. Assim: a differença não é senão de 6°,7 nas ilhas Feroé e de 8°,7 em Penzance; em quanto que em Paris é de 14°,4; em Berlin de 18°,1; em Vienna de 20°,1; e em S. Petersbourg de 56°,1.

As costas occidentaes, na zona temperada, augmentam a temperatura, porque os ventos reinantes no hemispherio do norte são do sudoeste, e no hemispherio sul do noroeste. Representam por tanto ventos de terra para as costas orientaes, e ventos de mar para as costas occidentaes, sendo estes ultimos mais quentes do que os primeiros, porque o mar não soffre jámais um arrefecimento egual ao dos continentes, em virtude da precipitação das particulas arrefecidas, que são immediatamente substituidas por outras mais quentes. Os factos confirmam a theoria: a temperatura media de Quebec é de 5°,5, em quanto que a de Bordeos é de 13°,1.

A temperatura decresce com a altura; mas a lei d'este decrescimento não pôde por em quanto ser determinada, porque depende de condições muito complexas, cuja influencia ainda não está bem conhecida. Pode dizer-se como regra geral, sujeita a muitas excepções, que uma ascensão de 100 metros equivale a uma mudança de 1 a 2 gráus para os polos.

As florestas influem na temperatura, servindo de abrigos contra certos ventos, impedindo as aguas das chuvas de formarem ribeiros ou de augmentarem a massa d'agua dos rios, finalmente resfriando a atmosphera pela transpiração aquosa que se faz pelas folhas.

Acabamos de ver como são complexas as causas que influem na temperatura, e por isso não será possivel, senão com o thermometro na mão, determinar a temperatura de cada localidade. Este trabalho ainda está por fazer em grande parte; todavia já em 1813 Humboldt aproveitou todos os dados, colligidos até então, para uma importantissima generalisação, tal foi o traçado das linhas isothermicas, isto é, d'aquellas linhas que passam por todos os pontos do globo, cujas temperaturas medias annuaes são eguaes.

Humboldt não se occupou senão do hemispherio boreal. Em 1831, appareceu uma carta mais completa, levantada por Kaemtz; em 1838, outra por Berghauss; e finalmente a de Boudin, em 1857, que é a mais completa, posto que ainda deixe muito a desejar.

Estes diversos auctores não estão ainda de accordo sobre a verdadeira classificação de climas, e ha tantas, quantos têm sido os auctores, que desde Humboldt têm escripto sobre a materia.

Humboldt dividiu o hemispherio sul, unico estudado por elle, em 10 zonas, separadas por linhas isothermicas, dispostas de 5 em 5 gráus. Depois d'elle os auctores têm reduzido immensamente o numero de zonas, e têm cahido no grave inconveniente de classificar na mesma zona paizes com climas e temperaturas muito diversas. Seguiremos a de Jules Rochard por nos parecer a mais razoavel, porque não multiplica demasiadamente as divisões a ponto de tornar inutil uma classificação, mas tambem não as reduz com detrimento da verdade.

Divide o espaço comprehendido entre o equador e os polos em 5 zonas climatologicas, separadas por linhas isothermicas que marcam differenças de 10 gráus de temperatura, e admitte 5 especies de climas:

1.° Climas torridos, estendendo-se do equador thermal (+ 27,°7) á linha isothermica de + 25°;

2.° Climas quentes, comprehendidos entre a linha + 25° e + 15°;

3.° Climas temperados, entre + 15° e + 5°;

4.° Climas frios, entre a linha de + 5° e — 5;

5.° Climas boreaes, entre — 5° e — 15°.

Não só do clima depende a acclimação, como já tivemos occasião de dizer, mas tambem da raça, da nacionalidade e da habitação anterior do individuo. Ha regiões no globo que não são habitaveis para uma certa raça, e que o são todavia para muitas outras. Os judeus e os bohemios parecem absolutamente cosmopolitas, tão extenso é o seu poder de acclimação, em quanto que os allemães, os inglezes e

os russos, ou qualquer povo da familia japetica, que habite o norte da Europa, não podem, sem graves inconvenientes, emigrar para as regiões que os primeiros habitam impunemente.

Havendo differenças tão notaveis de povo para povo, e sendo estas differenças ligadas a qualidades de raça, a clareza da nossa exposição pede que apontemos os principaes grupos humanos e as suas subdivisões, a fim de que, referindo-nos a qualquer povo, saibamos onde filial-o.

Nas classificações ethnographicas os auctores recorrem a duas ordens de caracteres — caracteres naturaes e sociaes. — Entre os primeiros recorre-se principalmente á côr, entre os segundos á philologia e á filiação historica. Os caracteres naturaes são um elemento incontestavelmente precioso para a ethnographia, mas não são sufficientes para certas applicações, e em especial para a solução do problema da acclimação. Povos, identicos ou muito similhantes por seus caracteres naturaes, são muito differentes pelas suas linguas, pelos seus costumes, pelas suas aptidões e pela sua faculdade de acclimação.

Por este motivo não desprezaremos os caracteres sociaes, serão até os unicos que nos servirão, para subdividir em familias os grupos já formados pelos caracteres naturaes, e para descobrir em cada povo existente a mistura de sangue que gira nas suas veias.

Os naturalistas são quasi todos unanimes em dividir a especie humana (esta expressão não tem para nós um sentido rigoroso) em tres raças principaes — a branca, a amarella e a preta — considerando a parda como o resultado do cruzamento do branco com o preto, e a vermelha como a modificação da amarella.

Raça branca, ou caucasica. Esta raça distingue-se de todas as outras pela brancura da sua pelle, que é mais ou menos rosada, mais ou menos transparente, segundo o clima e temperamento; pela disposição horisontal dos olhos, que são muito abertos; pela forma do nariz, que é mais saliente do que largo; pela pequenez da bocca, finura dos labios e collocação vertical dos dentes; finalmente pela belleza do oval que forma a sua cabeça, e pela abundancia de barba e dos cabellos, que são longos, lisos ou annelados e de côr variavel.

Pelo que respeita aos caracteres sociaes, a raça branca tem uma superioridade incontestavel sobre todas as outras. São os povos d'esta raça que fallam as linguas mais cultas, são elles que têm formado todas as sciencias, e que mais têm concorrido para o triumpho do espirito sobre a materia. Divide-se em duas principaes familias — a familia semitica e a familia indo-europea ou japetica. Os povos que formam a primeira familia têm os olhos e cabellos pretos, e uma côr mais susceptivel de atrigueirar pela acção do calor; magros e de pequena estatura. Os da segunda apresentam geralmente cabellos louros e olhos azues, uma côr mais clara e maior estatura.

Em verdade, estas duas familias não se distinguem muito pelos seus caracteres naturaes; o que principalmente as separa são as suas religiões, a sua vida politica e civil, e sobretudo a sua linguagem. Os philologistas estão com effeito de accordo em reconhecer que o grupo das linguas semiticas é irreductivel com o grupo das linguas aryanas.

Os semitas são hoje representados pelos arabes e judeus. Alguns povos evidentemente de sangue semitico, embora misturado com o de raças estranhas, desappareceram já da

superficie da terra (phenicios e carthaginezes). Muitos outros hoje existentes, de origens diversas, têm nas suas veias bastante sangue semitico (portuguezes, hespanhoes e todas as populações do norte da Africa, desde as fronteiras do Egypto até ao estreito de Gibraltar). Os egypcios, na opinião de alguns auctores, resultam tambem d'uma mistura de sangue semitico e ethiopico, sendo este já o resultado da mistura de sangue semitico e negro.

A raça indo-europea comprehende os indios de origem aryana (brahmanes, kschatrias e vaysiás), os persas, e os povos das cinco grandes familias europeas, celtas, gregos, latinos, germanos e slavos. Os celtas são actualmente representados pelos irlandezes, pelos welches ou habitantes do paiz de Galles, pelos escossezes e pelos armoricanos ou baixos-bretões.

Os gregos não formam hoje senão uma população pouco numerosa, concentrada na Grecia ou espalhada nos paizes visinhos.

Os francezes, italianos, portuguezes e hespanhoes, e parte da população do sudeste da Europa, são hoje os representantes da familia latina. Estes differentes povos têm muita mistura de sangue, mas são quasi exclusivamente aryanos, com excepção dos portuguezes e hespanhoes, nos quaes predomina talvez o sangue semitico, tres vezes infundido pelos phenicios, carthaginezes e sarracenos.

A familia germanica comprehende os allemães, inglezes, suecos, norweguianos, dinamarquezes, hollandezes e belgas.

Os slavos formam uma familia que, entre todas as da Europa, é a que tem mais unidade e que menos alterada tem sido pelos cruzamentos. Os russos, bulgaros, serbos,

slovences, wendes, tchekes, polacos e lithuanios são os verdadeiros representantes da familia slava.

Raça amarella. Esta raça reconhece-se pelo grande desenvolvimento da arcada zigomatica, que determina a proeminencia das maçãs do rosto, e a elevação da face á altura das regiões temporaes; pela cabeça quasi em losango; pelo nariz pequeno e pouco proeminente; pelo rosto achatado, olhos pequenos e obliquos, cabellos lisos, direitos e negros, barba rara e côr mais ou menos azeitonada.

Divide-se em seis ramos: mongoes, chinezes, indo-chinezes, thibetanos, dravidianos e turcos.

O ramo mongolico comprehende duas familias: os tongouses e os mongoes propriamente dictos. É verosimil que d'esta familia tenham sahido os hunos, que vieram conquistar a Europa, aonde se confundiram com a raça branca. Os hungaros parecem provir d'este povo, e todavia nada têm hoje que os aproxime da raça amarella.

Os chinezes propriamente dictos, os japonezes e os coreanos pertencem ao segundo ramo.

O ramo indo-chinez divide-se em annamitas, siamezes e bermanos. Este grupo é naturalmente o resultado da mistura da raça amarella e da raça australiana. Esta opinião é corroborada pelo facto da existencia de tribus da raça dos australianos no sul da peninsula transgangetica.

Os thibetanos formam o intermedio entre os chinezes e mongoes propriamente dictos.

O ramo dravidiano é ainda hoje representado pelos restos da primitiva população indigena do Hindostão, que, pela sua ferocidade e sentimento de independencia, pôde es-

capar á influencia dos aryanos conquistadores, refugiando-se nas montanhas.

O ramo turco comprehende os kirghises, uzbeques, tartaros de Kasen, e diversas populações do Turkestan. Referimo-nos aos turcos primitivos, porque os turcos ottomanos, e mesmo os uzbeques, pela sua perpetua alliança com mulheres de raça branca, transformaram completamente o seu typo.

Os turcos do imperio ottomano pertencem hoje mais á raça caucasica do que á raça amarella.

Raça negra. Os pretos habitam quasi todo o grande continente de Africa, a Nova Hollanda, a Tapuania, a Nova Guiné, e muitas outras ilhas do Oceano Pacifico. Hoje a raça negra acha-se tambem muito espalhada na America, levada para alli pelo trafico da escravatura.

Esta raça não forma uma só familia, como o poderia fazer suppor uma analyse superficial. Divide-se, assim como a raça branca e amarella, em muitos ramos, distinctos não só pelos caracteres anatomicos, mas ainda por uma verdadeira graduação na intelligencia, nos costumes e na forma de sociedade que, para alguns, existe no estado rudimentar de tribu, para outros aproxima-se da forma despotica dos governos imperiaes. Os principaes ramos são: os negros da Guiné; os somalis; gallos; cafres; hottentotes e australianos.

Na descripção que fizemos da raça amarella fizemos entrar diversos povos que constituem a raça parda de alguns auctores: taes são os dravidianos, indo-chinezes e os malaios.

Para completarmos o quadro das raças humanas restanos apenas enumerar os ethiopes.

Os primeiros estão comprehendidos na raça amarella, porque são filhos do cruzamento d'ella com os australianos; o ultimo ramo, o ramo ethiopico, é considerado como o cruzamento de brancos com pretos.

A raça vermelha comprehende todas as populações indigenas da America, e divide-se em muitos ramos: o ramo californio, o mexicano, o brazileiro-guariano, o pampeano, o ando-peruviano, e finalmente o araucaniano.

II

Factos historicos e contemporaneos de colonisação

A emigração, na antiguidade e nos tempos modernos, é o facto mais constante na historia de todos os povos. Podemos conjecturar que uma pequenissima porção de superficie do globo era habitada pelo homem nos primitivos tempos de sua apparição. Originario de uma ou mais regiões circumscriptas, não occupou o mundo senão passando gradualmente de uma região para outra, istó é, o globo foi povoado por successivas emigrações. Muitas d'ellas nos são desconhecidas; ignoramos todas aquellas de que não restam vestigios historicos: taes são as dos po-

vos que foram aniquilados ou absorvidos pelos invasores, como aconteceu aos povos authoctonos da Europa, que desappareceram perante a invasão da raça aryana; e finalmente tambem desconhecemos os movimentos dos povos da America e da Africa, que não têm tradições, nem historia da sua origem.

Para compensar tão grande falta, temos conhecimento das emigrações, relativamente contemporaneas, dos povos asiaticos, dos quaes descendem as nações europeas, actualmente existentes.

Modernamente observamos os resultados do grande movimento de emigração que todos os annos se dirige para a Africa, Asia e Oceania, e principalmente para a America.

Os pretos exportados do seu paiz natal para terras muito diversas, e a emigração de chinezes e malaios, que ha muito pouco tempo começou, e que já hoje toma proporções notaveis, tambem nos fornecem alguns elementos, ainda que bastante incompletos, para podermos avaliar o seu respectivo poder de acclimação.

Temos, pois, duas fontes aonde podemos procurar documentos para resolver a questão — na historia das emigrações remotas, e na historia das colonisações modernas. Os factos, que numa e outra encontramos, não podem dar-nos uma solução definitiva ao problema. Os primeiros são, porem, muito mais incompletos, não têm a certeza e a precisão dos immediatos: nos grandes movimentos de emigração dos povos antigos descobrimos, pela philologia e pela filiação historica, a região d'onde estes povos sahiram, e sabemos qual o paiz em que se fixaram; mas podemos apenas conjecturer o caminho trilhado, e o tempo

decorrido entre a partida e a chegada. Estes factos não perdem por isso toda a importancia, porque o seu grande numero, a sua extensão no tempo e no espaço, e a sua convergencia geral em um pequeno numero de conclusões, lhes dão um grande valor.

Entremos na exposição e apreciação dos factos.

Factos historicos. Os ultimos trabalhos de philologia, depois da descoberta da lingua, em que se acham escriptos os livros primitivos da Persia e da India, não deixam a menor duvida de que os persas, as castas mais puras da India, e as cinco grandes familias dos povos europeus, slavos, germanos, gregos, latinos e celtas, sahiram d'uma mesma região e d'um mesmo povo — dos Aryas, que habitavam os platós centraes da Asia, situados entre o Oxus, o Indus e o Iaxartes, na latitude de 31 a 41 graos. Esta região está collocada na linha isothermica da França, paiz todo elle comprehendido na zona temperada. D'ahi partiu o povo aryano para os paizes mais frios e mais quentes da Europa, e para a India, de que uma grande parte está comprehendida na zona torrida. Sigamos, pois, este grande movimento de emigração, tanto quanto o permittem os estreitos limites d'este trabalho, e consignemos os principaes resultados relativos ao problema da acclimação.

Logo no ponto de partida os Aryas dividem-se em dous ramos: um segue as margens do Indus e estancía por muitos seculos no paiz dos sete rios, ou Pendjabe moderno; o outro encaminha-se para a Europa. Deixemos por agora a emigração d'este ultimo ramo e sigamos a do primeiro. Este povo irradia na direcção oeste para o Afghanistão e Persia; na direcção sudeste para o baixo paiz que

banha o Ganges. Percorreu todo este espaço no decurso de muitos seculos, como o faz pensar a obscura chronologia dos seus documentos historicos, e o facto de ter encontrado uma população authoctona, com a qual travou uma lucta horrivel, disputando-lhe o terreno palmo a palmo, e impellindo-a adiante de si para o sul da peninsula, e para o cimo das montanhas.

D'aqui nasce a origem das castas na India: os Brahmanes ou casta sacerdotal, os Kchatrias ou casta de guerreiros, os Vaysiás, classe de negociantes, industriaes e proprietarios, e finalmente os Sudras e Parias, que são a classe mais infima e desprezivel. A primeira representa a raça aryana no seu maior gráo de pureza, sem mistura com os indigenas; a segunda e terceira representam ainda o sangue aryano, mas já muito misturado com o sangue tamoul; as ultimas duas representam dous povos distinctos e authoctonos. As tres primeiras não cultivam o solo: esse vil trabalho está a cargo dos servos, dos Sudras e dos Parias, e habitam principalmente o Indostão septentrional, sobretudo a casta dos Kchatrias, talvez com o fim de não perder, debaixo do sol ardente do meio-dia da peninsula, a sua robustez e o seu vigor.

Muitos escriptores julgam que o sangue aryano conservou-se puro em toda a India sem se misturar com o sangue da população authoctona; mas a existencia das duas castas mixtas dos Kchatrias e Vaysiás desmente esta asserção. No primeiro encontro das duas raças houve um profundo desprezo da parte dos aryanos para com os indigenas, raça evidentemente inferior; houve a mesma repulsão, que hoje existe, da parte dos inglezes ou dos allemães pelos indios da America, ou pelos negros. A pri-

meira impressão, porém, desvaneceu-se com o tempo, e o nobre Arya pôde honrar com o seu contacto a mulher de vil sangue sudra. A mulher aryana, delicada, nervosa, sublime nas suas aspirações e difficil nas suas affeições, não recebeu de certo nos seus braços o desprezivel e feio tamoul. Mas o mestiço, mais affastado do Sudra e mais parente do aryano, esse podia aspirar ao amor da pura aryana, e muitas vezes seria bem recebido. Assim se formaram as duas castas intermediarias entre os Brahmanes, ou casta sacerdotal, e os Parias ou classe de servos.

Tanto quanto podemos julgar pelos factos acima referidos o arya consegue acclimar-se na India por tres meios: 1.° encaminhando-se lentamente para o sul, isto é, realisando a pequena acclimação; 2.° sobrecarregando os indigenas com o rude trabalho dos campos; 3.° retemperando o seu organismo pelo cruzamento com o Sudra

Pelo que respeita aos Persas, esses habitam uma região pouco mais ou menos isothermica com o paiz dos seus ascendentes, e por isso a sua emigração nenhuma importancia tem debaixo do ponto de vista particular das nossas investigações.

O ramo, que entrou na Europa, segue dous caminhos differentes: uns dirigem-se para o sul, passando pela Asia Menor, pela Thracia, Macedonia e Grecia, itinerario semeado de denominações aryanas, que testemunham, não só o caminho, mas tambem a lentidão d'estas emigrações; os outros inclinam para o norte, aonde vão dar origem aos Slavos, Celtas e Germanos. Ora todos estes povos conservaram o vigor, belleza e intelligencia dos seus ascendentes. Se analysarmos a temperatura dos paizes, que elles habitam, veremos que differe muito de uns para os outros

na direcção NS. A temperatura media annual é: de 0,5° em Haapakila (Suecia); de 0,0° no Cabo-Norte (Norwega); de 3°,4 em S. Petersbourg; de 9,1 em Londres; de 17° em Cadix; de 20° em Malaga, e de 16°,2 em Florença (1). Citando estes numeros tivemos em vista mostrar o extenso poder de acclimação de que goza a raça aryana; mas devemos fazer notar que todos os paizes do sul da Europa se aproximam mais da patria primitiva, pela temperatura, do que os do norte.

E com effeito é no norte da Europa que os povos aryanos soffreram as mais notaveis modificações, tendentes todas a robustecel-os ainda mais. Os gregos e latinos que soffreram pouco da acção do clima, chegaram em muito pouco tempo ao apogeo do desenvolvimento intellectual e de robustez physica, e a formar nações poderosissimas.

Os latinos estendem as suas conquistas a uma grande parte da Europa, em muitos paizes fixaram colonias, e em todos elles vamos encontrar vestigios da sua passagem, já na linguagem, já no typo dos seus habitantes. Os hespanhoes, portuguezes, francezes e italianos são os seus verdadeiros descendentes, embora nas suas veias gire o sangue de povos pertencentes a familias differentes.

Pelo contrario, as colonias africanas, de que a historia celebra o poder, não são gregas ou latinas, são syro-srabes. Os gregos e latinos pereceram sempre miseravelmente na Africa. Particularmente os romanos, que fizeram a conquista da Africa carthagineza, e de quasi todo o litoral,

(1) Boudin *Traité de geogr. et de Statist. médicales.* Paris, 1857, t. 1.°, p. 242.

comprehendendo a Argelia «não pouparam trabalhos nem despezas para fazerem uma provincia romana. Durante sete seculos abriram numerosas estradas, edificaram muitas cidades e monumentos, enviaram constantemente colonos, e d'esta dominação nada resta que tenha vida. Uma dominação muito menos sustentada bastou para romanisar a França, a Hespanha, Portugal e as margens danubianas (1).»

Os vandalos, que invadiram a peninsula, expulsos pelos seus companheiros de invasão, Suevos, Alanos e Visigodos, passaram para o outro lado das columnas de Hercules, e lá enfraqueceram tão rapidamente, que bastaram 5:000 soldados gregos, commandados por Belisario, para que fossem completamente derrotados.

Não foi um punhado de homens, que exterminou os terriveis companheiros de Genseric, que por duas vezes lutaram contra o enorme colosso de Roma e por duas vezes lhe levaram a morte e a destruição ao seu seio: foi o clima de Africa, que, superior a todos os exercitos, os reduziu ao extremo gráo de fraqueza.

Não é preciso sahirmos da Europa para notarmos os pessimos effeitos da passagem rapida d'um clima frio ou temperado para um clima quente. Os barbaros, commandados por Theodorico, que pozeram fim ao imperio romano, não se conservam por muito tempo no sul da Italia; entre os povos que ahi habitavam, passado um seculo depois da conquista, não se encontrava talvez um unico godo. Pelo contrario, os gaulezes, que se estabeleceram na Lombar-

(1) Bertillot, dict. encycl. des scien. méd. art. *acclimatement*.

dia, paiz cujo clima differe pouco do clima da França, conservaram sempre o vigor sufficiente para resistir aos romanos.

Tambem parece, que os visigodos de Hespanha não se sustentavam senão por successivos cruzamentos com a raça indigena.

Como transição dos factos historicos para os factos contemporaneos, Bertillot refere o que hoje se sabe ácerca da influencia do clima do Egypto sobre os povos que lá têm habitado. Os acontecimentos do Egypto marcam effectivamente a transição dos factos historicos para os factos contemporaneos, porque, desde muitos seculos até nossos dias, diversos povos têm estanciado naquella região. Não ha em toda a superficie da terra um paiz mais calcado por gente de origem muito diversa do que este velho Egypto. Ethiopes, indios, assyrios, nubianos, arabes, judeus, persas, mongoes, gregos, romanos, venicianos, turcos, circassianos, mingrelianos, inglezes e francezes, ou o possuiram durante seculos, ou lá estabeleceram colonias. A terra do Egypto devorou tudo. Volney, que, no fim do seculo ultimo, estudou e observou com cuidado a singular condição de existencia dos mamelukos, originarios da Georgia e de Mingrelia, exprime-se a respeito d'elles nos termos seguintes: «Vendo-os subsistir no Egypto desde muitos seculos, julgar-se-hia que se têm reproduzido pela via ordinaria da geração; mas, se o seu primeiro estabelecimento é um facto singular, a sua perpetuação é um outro, que não é menos singular.

Desde 550 annos ha Mamelukos no Egypto, nem um

só deu descendencia subsistente; não existe uma familia na 2.ª geração; todos os seus filhos perecem na 1.ª ou 2.ª edade. Os Ottomanos estão quasi no mesmo caso, e observa-se que elles não se garantem contra o clima senão desposando mulheres indigenas, o que os Mamelukos desprezaram sempre. As mulheres dos Mamelukos são, como elles, escravas transportadas da Georgia e da Mingrelia. Os outros que expliquem por que homens bem constituidos, casados com mulheres sadias, não poderam acclimar-se sobre as margens do Nilo. E lembrem-se que as plantas da Europa recusam egualmente manter lá a sua especie.»

O dr. Pruner Bey affirma que os filhos dos europeus, como os dos turcos, morrem todos desde o nascimento até 4 ou 5 annos; a meningite mata os que chegam até esta edade.

Podemos resumir todos os factos acima referidos nas seguintes conclusões:

1.ª Todo o movimento emigratorio de marcha secular, resultando da extensão gradual das populações, termina certamente na acclimação, dentro de certos limites (emigração indo-europea).

2.ª Uma emigração rapida não póde constituir uma colonia duravel senão se ella tem logar sobre a mesma linha isothermica ou um pouco para o norte d'esta linha. O successo será tanto mais compromettido quanto a emigração se afastar mais d'esta linha para se dirigir para o sul.

3.ª Os cruzamentos com as raças aborigenes, se são eugenesicos, favorecem e acceleram sem duvida a acclimação, emquanto que a selecção secular que os segue, a consolida.

4.ª E, como corollario, a raça indo-europea tem-se con-

stantemente achado inacclimavel, nas suas numerosas e perseverantes tentativas, sobre o litoral da costa de Africa, e mais particularmente no Egypto (1).

(1) Estas conclusões são litteralmente traduzidas do artigo *acclimatement*, publicado por Bertillot no diccionario encyclopedico das sciencias medicas, muitas vezes citado neste nosso escripto. Transcrevendo-as para aqui, acceitamol-as sem a mais leve restricção, porque ellas são a conclusão necessaria de tudo quanto dissemos neste capitulo, feito quasi exclusivamente sobre o trabalho de Bertillot.

Poderiamos accrescentar uma 5.ª conclusão: Na India não ha o verdadeiro exemplo de acclimação dos aryanos, porque elles empregam braços estranhos para cultivar o solo que os nutre.

III

Factos contemporaneos

Já dissemos que os documentos, fornecidos pelo estudo da colonisação moderna, são mais precisos e mais completos do que aquelles que acabamos de passar em revista, mas que, apezar d'isso, não podem ainda dar uma solução definitiva ao problema da acclimação.

A respeito de muitas colonias sabemos, com uma certa aproximação, o movimento geral de sua população, mas ignoramos a parte de influencia que toca a cada uma das muitas causas, que concorreram para este resultado final.

Ha no fundo d'esta questão uma duvida, que ainda se não pôde resolver claramente, que explica a divergencia de opiniões, e que serve de justificação ás empresas go-

vernamentaes de colonisação, em paizes, celebres pela sua insalubridade; essa duvida é a de saber o que se deva attribuir ás condições geraes e immutaveis do clima, ou ás qualidades locaes modificaveis pela vontade do homem, e susceptiveis de saneamento.

Não podem entrar na revista, que vamos fazer dos factos contemporaneos, senão aquellas colonias, em que ha uma ou duas gerações de colonos indigenas.

As que são conhecidas por informação de viajantes, aquellas para os quaes ha apenas documentos da mortalidade dos guarnições, ou em que não tem havido senão uma curta habitação, essas estão por assim dizer excluidas do nosso quadro.

America. Este grande continente é a parte do mundo que offerece uma maior variedade de climas, e a que mais procurada tem sido pela população emigrante de todos os paizes. É tambem lá que vamos encontrar os factos mais notaveis de acclimação.

Em Acadia (Nova Escossia), debaixo da latitude de 45°, a mesma que o meio dia da França, mas pouco mais ou menos na mesma linha isothermica que a Dinamarca, 400 a 500 emigrados francezes, de 1671 até hoje subiram ao numero de 70:000.

Não foram incessantes contingentes da metropole, que prefizeram este numero, porque esta colonia, conquistada pelos inglezes no tempo de Luiz XV, em 1760, soffreu perdas numerosissimas, na desastrosa guerra que teve de sustentar, e de então para cá os francezes abandonaram completamente o rumo das suas antigas colonias.

Da mesma sorte 10:000 emigrados francezes, que, de 1663 a 1760, passaram ao Canadá, sobem hoje a mais de um milhão, apezar da guerra dos inglezes, que ainda aqui os perseguiu, e d'uma incessante emigração para os Estados Unidos.

Naquellas regiões as familias têm commummente de 8 a 12 e 15 filhos, dos quaes o maior numero escapa.

A população cresce de 25 a 40 por 1:000 cada anno. O clima d'estas paragens é todavia sensivelmente differente do clima de França; a temperatura media annual em Quebec é de +5°,5, em Paris é de +10°,5; as oscillações thermometricas estendem-se em Quebec, media annual, de 11°,6 a +24°,8, em Paris de +1°,9 a +18°,7.

Os francezes soffreram uma verdadeira acclimação, mas muito favoravel, pois que alli a população cresce mais rapidamente do que em França, e conserva-se mais robusta.

Nos Estados-Unidos do norte a acclimação é egualmente evidente.

Os inglezes soffreram modificações notaveis, tanto physicas como funccionaes; modificações todavia que fizeram do americano um typo superior ao inglez.

Effectivamente, os traços mais caracteristicos do Iankee, com relação aos inglezes, são: a diminuição do tecido cellular adiposo e do systema glandular, e notadamente nas mulheres, da glandula mammaria, a forma geral do corpo mais secca e mais delgada e uma singular e febricitante actividade.

Neste povo a fecundidade mantem-se num alto grau — o crescimento da população é annualmente de 25 por 1:000 habitantes.

A acclimação dos inglezes nos Estados-Unidos do sul

é um facto mais grave, não só pela influencia geral do clima, mas ainda pelas novas doenças que ahi surgem, e pelo caracter mais grave que as antigas tomam. Surge a febre amarella, e aggravam-se as febres intermittentes e as dysenterias.

A estatistica geral do movimento da população, nos Estados do sul, não é desfavoravel; mas esta parte da America do norte comprehende uma vasta região, limitada ao norte pela mesma linha isothermica do sul da Europa, e ao sul pela do norte da Africa; de sorte que os maus resultados d'este lado devem ser compensados pelos bons, que ainda devem subsistir do outro.

Estes mesmos povos, inglezes e francezes, que acabamos de ver tão bem acclimados na America do norte, vamos agora seguil-os nas regiões francamente tropicaes das Antilhas e do Mexico, onde o clima, verdadeiramente inclemente d'estas regiões vae reduzir a uma degeneração manifesta os que sobreviveram nos primeiros tres annos á sua perniciosa influencia.

M. Rufz, medico auctorisado nesta materia, pela sua longa habitação na Martinica, e insuspeito porque é defensor da acclimação illimitada, fallando do clima das Antilhas exprimia-se nos seguintes termos:

«O primeiro effeito do clima das Antilhas, sobre os emigrados, é uma sorte de excitação geral, que produz um sentimento de força e de actividade extraordinaria; todas as distancias parecem pequenas, todas as fadigas são corajosamente emprehendidas...; mas as pessoas do paiz riem debaixo de capa de toda esta effervescencia, porque muitas vezes têm sido testemunhas da sua duração ephemera.

Com effeito, depois de 4 a 5 dias, já este ardor cahiu;

o corpo torna-se pezado; as funcções enfraquecem; um pezo extraordinario oppõe-se ao livre exercicio da intelligencia; parece, á medida que sobe o sol no horisonte, que se levanta ao mesmo tempo um vapor, uma embriaguez, que perturba o pensamento. Sente-se um horror ao movimento, uma necessidade de repouso mais irresistivel do que aquella que, nos indigenas, tanto nos fazia rir; nada se faz senão por um grande esforço de energia, e pela menor agitação todo o corpo é banhado por um suor abundante...; e esta transpiração, que se augmenta por um excesso intempestivo de bebidas, é enervante...

O somno não é reparador; acorda-se com o corpo pezado, a cabeça embaraçada, como, na Europa, depois das noites perdidas.

O olhar perde a sua vivacidade, os movimentos do corpo são languidos; um notavel desleixo pelos cuidados da elegancia caracterisa o habitante das Antilhas, a que só escapam os individuos peraltas.

A coloração do rosto permanece vermelha por algum tempo, mas esta injecção não é a d'uma coloração rica e viva, tende para a cor de violeta; leva muito tempo a voltar, quando a pressão do dedo a expulsou dos capillares; e a respiração, muitas vezes suspirosa, indica uma hematose insufficiente.» (1)

São as tristes figuras d'este doloroso quadro, que incessantemente vivem debaixo da ameaça da invasão d'uma

(1) Rufz, *Études hist. et estatist. sur la Martinique*, 1850, t. II, pag. 50, cit. por Bertillot, art. cit.

qualquer das doenças reinantes: a dysenteria, a febre palustre e a febre amarella.

Quem escapa nos primeiros mezes á acção do clima e á invasão de alguma d'estas doenças, pode dizer-se acclimado.

Triste recompensa!

O colono das Antilhas perdeu a boa côr com que para alli entrou, e vemol-o depois de acclimado com a côr amarella de palha, caracteristica dos anemicos, pela infecção palustre ou pela acção prolongada da atmosphera dos hospitaes.

Todavia, o individuo nestas condições não está immune das doenças do clima; quando muito está menos predisposto a ser atacado por ellas.

A febre amarella, endemica nas Antilhas e no golfo do Mexico, de cada vez que se desenvolve, segundo a sua maior ou menor intensidade, mata os $^2/_3$, $^1/_2$, $^1/_6$, ou $^1/_7$ dos habitantes.

As febres palustres, a dysenteria e a hepatite, doenças que são o flagello dos paizes quentes, atacam sempre com a mesma intensidade, sem distincção de pessoas.

Emfim, a mortalidade é tal, que Rufz, partidario da aclimação nas Antilhas, como já dissemos, diz:

«Alguns sahem vivos das graves provas de acclimação, os quaes, apurados ainda pela selecção, formam a raiz d'uma geração indigena, das mais proprias para o trabalho e para se sustentar e desenvolver pela geração.»

Nestas palavras Rufz consigna o facto da grande mortalidade nas Antilhas, e emitte a sua opinião sobre a possibilidade, que os inglezes e francezes têm, de se acclimarem nas Antilhas.

Em que funda o auctor este seu juizo?

Porventura a fecundidade do homem degenerado, que acabamos de descrever, ficará intacta?

Os recem-nascidos aproveitarão dos beneficios de seus progenitores, ganhos com tantos sacrificios?

Ou serão antes productos impregnados de debilidade, incapazes de resistirem á influencia d'um mau clima?

Esta ultima hypothese parece-nos a mais provavel; mas consultemos os factos, e vejamos o que elles nos dizem.

A mortalidade das guarnições francezas e inglezas é de 60 a 70 por 1:000 annualmente, isto é, o quadrupulo da que é normal em França e na Inglaterra.

A população branca, que era, em 1740, na Martinica de 15:000 habitantes, não era, em 1848, superior a 9:500.

A mortalidade da Guyana franceza, segundo a relação d'um antigo governador, cresce em 9 annos successivos de 15 a 125 por 1:000.

Tanto os inglezes, como os francezes, mandam crear e educar os seus filhos na Europa, porque nas Antilhas morrem quasi todos na 1.ª ou 2.ª infancia.

O dr. Rouchoux, que esteve muito tempo estabelecido em Guadeloup, affirma que as familias europeas, que não são de tempos a tempos retemperadas pela alliança com os recem-chegados, tendem a extinguir-se desde a 3.ª ou 4.ª geração.

Como, depois d'estes factos, querer concluir que os colonos antilhenses acclimados podem ser a raiz de uma geração indigena, propria para o trabalho, e assás fecunda para se manter sem contingentes da metropole?

Em opposição ao que acabamos de referir, com relação aos inglezes e francezes, vemos os hespanhoes prosperarem nas Antilhas.

A população de Cuba, que, em 1857, era de 96:440 habitantes eleva-se, em 1861, a 793:484 habitantes.

Neste simples e unico exemplo, que por ora apresentamos, já se faz sentir a influencia da raça.

Nos platós dos outros paizes tropicaes da America, como são, Mexico, Nova Granada, Bolivia e Perú, o clima é doce e moderado, de 15° a 17°, media annual, e d'uma grande uniformidade; mas o litoral de alguns d'elles, como por exemplo do Mexico, é tambem funesto para os povos do norte da Europa.

Nas planuras muito elevadas a habitação torna-se egualmente difficil, como affirma Jourdanet, o que na realidade os nossos conhecimentos de physiologia nos fazem presentir.

Nas alturas o ar é mais rarefeito, e por isso cada inspiração deve trazer aos pulmões um maior volume de gaz, para que a hematose se faça com a mesma regularidade que nos paizes baixos.

Esta modificação funccional não pode realisar-se sem a cavidade thoracica augmentar, o que de certo se não consegue, senão depois de algumas gerações: logo o primeiro effeito das grandes alturas sobre o recem-chegado deve ser uma anemia, mais ou menos notavel, consoante o numero de mil metros acima do nivel do mar.

E na realidade, este resultado tem sido observado no povo hespanhol, em algumas partes do Perú e do Mexico.

Passemos agora ao Brazil, que muito nos interessa, por ter sido uma colonia portugueza, onde os portuguezes habitam ha mais de tres seculos, e aonde portanto devem ter dado provas do seu poder de acclimação.

O Brazil é alem d'isso povoado por inglezes, francezes, allemães, pretos, Pelles-Vermelhas e pelos mestiços d'estas

differentes raças, que formam com os portuguezes uma população total de 7 a 8 milhões de habitantes. Brancos, 1.000:000 (antes menos, do que mais); mestiços livres, 3.000:000; escravos (pretos e mestiços) 4.000:000 (1). Estes numeros são aproximativos, porque não ha elementos de estatistica demographica para cada um dos povos ou raças que compõem aquella sociedade mixta.

Á falta de provas, e attendendo ao grande numero de brancos existentes no Brazil, de que a maior parte são portuguezes, julgar-se-hia que alli houve uma verdadeira acclimação. Seguimos todavia uma opinião contraria. Ignoramos se os nascimentos são superiores em numero aos obitos: o que sabemos, é que para o Brazil, desde 1852 até 1865, houve um movimento espantoso de emigração de Portugal, dos Açores, da Madeira, da França e de muitos outros paizes. Essa emigração ainda hoje continúa, postoque em menor grau. Conclue-se, pois, que o numero actual de brazileiros não depende só do movimento interno de população: é em grande parte devido á emigração. Alem d'isso, o aspecto dos brazileiros faz ver as graves modificações que soffreram os individuos, originarios dos differentes paizes da Europa, para se accommodarem ás condições d'um mau clima. Com effeito, os caracteres mais especiaes dos brazileiros são: uma notavel apathia intellectual e physica, caracteristica dos climas tropicaes; aspecto doentio; uma diminuição consideravel das forças, e

(1) *La traite, l'émigration et la colonisation au Brezil*, por Charles Expilly, 1865, p. 52.

nas naturezas mais distinctas, o predominio d'uma imaginação doentia sobre as faculdades intellectuaes. Em Rio Grande, afastado dos tropicos 8°,75, a raça tem mais actividade e energia, e mais notavelmente ainda em Montevideu e Buenos Ayres.

Os brazileiros, debilitados como os vemos hoje, não tenderiam a desapparecer, se não fossem os contingentes, que todos os annos recebem das differentes partes do mundo, e se não fossem os braços dos escravos que lhes cultivam o solo? É de presumir que assim acontecesse.

Ha um outro facto muito significativo, que não deve escapar a um bom observador. Os colonos europeus, sem excepção, começam a preferir nas suas emigrações a parte norte da America, ou a que fica ao sul do Rio de Janeiro. Esta escolha não se faz instinctiva e espontaneamente, alguma causa deve existir para explicar o facto. E na verdade, é facil achal-a, se nos lembrarmos dos tristissimos resultados da acclimação nas regiões equatoriaes, assim como das crueis experiencias, muitas vezes repetidas, e se considerarmos ainda que os emigrados, que partem para regiões pouco mais ou menos isothermicas com o paiz do seu nascimento, ou mais frias, multiplicam-se com um vigor extraordinario.

Africa. Este continente, o mais insalubre de todos, é tambem muito menos povoado pelos europeus do que a America; mas as tentativas de colonisação têm sido tantas vezes repetidas, e por tanto tempo sustentadas, que já hoje se começa a desesperar de poder fundar alli colonias subsistentes.

Vimos que o clima da Africa devorou no passado todas

as emigrações europeas; resta-nos examinar até que ponto os factos contemporaneos modificam esta grande lição do passado.

Começaremos pelo norte da Africa e pela Argelia, que é a colonia mais importante de todas as que existem neste vasto continente.

Por uma resenha das mais notaveis opiniões que Boudin nos apresenta no 2.º tomo do seu Tractado de geographia medical, pensamos que a maioria dos escriptores é desfavoravel á possibilidade da acclimação dos francezes e dos allemães naquella colonia. «Todo o homem fraco, enviado para Africa, dizia o general Bugeaud, é um homem perdido.» O general Duvivier dizia: «os cemiterios são as unicas colonias sempre crescentes da Argelia.» Eis como se exprimia na tribuna da camara dos pares (sessão de 27 de junho de 1846) um antigo ministro da guerra: «É um erro acreditar que os nossos soldados se acclimam em Africa; pelo contrario, mais elles ahi servem, e mais se enfraquecem.» O general Fulvier declarava na camara dos pares: «Fui atterrado pelo resultado das minhas investigações sobre a mortalidade das creanças em Argelia, etc.....»

Mais do que as opiniões valem as estatisticas do movimento de população.

De 1834 a 1855, os colonos europeus offerecem uma mortalidade de 49 por 1:000 em cada anno, e 38 nascimentos para o mesmo numero de habitantes. Em França no mesmo periodo — nascimentos 35, obitos 23 a 24. Para os annos de 1856 e 1858 não apparecem estatisticas, o que não se pode attribuir senão ao zelo dos empregados da administração em occultal-as, por serem desfavoraveis.

..

Este movimento de população refere-se a todos os colonos europeus de Argelia; se considerarmos, porem, a mortalidade dos francezes á parte, veremos que ella é superior ao numero acima indicado.

Annos	Mortalidade annual sobre 1:000 habitantes
1847.....	50,8
1848.....	41,7
1849.....	101,5
1850.....	70,5
1851.....	64,5
1852.....	55,6
1853.....	47,8

A origem meridional d'um grande numero de colonos argelinos explica o facto de ser a primeira estatistica mais favoravel do que esta. Uma tal mortalidade dá uma media annual de 61,3 mortes sobre 1:000 habitantes, que está para a de França nos mesmos annos, como 2,5 para 1. Importa alem d'isso notar que este numero é muito mais favoravel do que devêra ser, se porventura os colonos de Argelia estivessem nas mesmas condições da população da Europa. O pequeno numero de velhos, que lá existem, como acontece em todas as colonias, a falta de cultivadores, e finalmente a volta para a Europa de um certo numero de doentes, mais ou menos graves, são outras tantas circumstancias favoraveis á diminuição da mortalidade.

Uma estatistica relativa aos annos de 1853-1856 dá um excedente dos nascimentos sobre as mortes; mas o mo-

vimento da população, especialisado segundo as nacionalidades, mostra que os francezes morrem em numero maior do que o dos nascimentos, e os allemães ainda muito mais.

As causas mais geraes da deterioração do organismo em Argelia são tres:

1.ª A temperatura do ar quasi constantemente elevada;

2.ª O vento siroco ou o vento do deserto, o mesmo que no Senegal produz as hepatites, menos torrido em Argelia, porque se refresca atravessando os cimos gelados do Atlas;

3.ª As emanações telluricas e palustres.

Os defensores da aclimação em Argelia pensam que as condições hygienicas d'aquelle paiz podem ser melhoradas, arroteando e canalisando todos os campos pantanosos. A cousa é muito difficil e impossivel em certos paizes: sel-o-ha porventura em Argelia? Este ponto ainda não está sufficientemente esclarecido, e é por isso que a acclimação em Argelia ainda hoje não passa d'uma simples hypothese.

Não se imagine que exageramos as cousas, ou que faltamos á verdade, affirmando que ha certos paizes, em que não é possivel remover as causas locaes de insalubridade; e, sem entrarmos em exemplificações, basta que lembremos as tres seguintes circumstancias, que tornam esse trabalho tão difficil, que é como se fosse impossivel:

1.º A pouca inclinação do solo;

2.º A sua natureza argilosa;

3.º A falta de permeabilidade, e as desegualdades que se encontram.

Concedendo mesmo que os terrenos pantanosos da Argelia podessem ser transformados em terrenos araveis, a acclimação dos europeus do norte, naquelle paiz, ficava ainda uma pura hypothese. Ha com effeito em quasi todo o grande continente de Africa, assim como em quasi todas

as regiões comprehendidas debaixo da zona torrida, um certo *quid* especial no seu clima, que obra fatalmente sobre os povos da familia aryana. É nestes paizes, onde apparecem as doenças mais graves, a febre amarella, a peste e a cholera-morbus, que atacam de preferencia os europeus. É nelles que todas as epidemias tomam sempre uma intensidade aterradora: nos annos de 1832, 1849, 1854, em que grassou a cholera na Europa, a mortalidade na França e na Inglaterra elevou-se, termo medio, a 27 sobre 1:000 habitantes, em Argelia a 107, havendo localidades em que tomou as proporções enormes de 323. É finalmente nestes paizes que vemos apoderar-se da robusta organisação do europeu um enfraquecimento geral e uma degeneração bem manifesta.

No Senegal a acclimação dos francezes e dos inglezes não pôde ainda effectuar-se. Os francezes possuem lá apenas feitorias, e, apezar d'isso, a sua mortalidade é enorme. De 1819 a 1855 a mortalidade annual conservou-se sempre na sinistra proporção de $\frac{106}{1:000}$.

Em 1830, em virtude de uma epidemia de febre amarella, elevou-se a $\frac{570}{1:000}$.

Os estabelecimentos inglezes, situados nas mesmas paragens, são ainda mais doentios; a mortalidade das tropas eleva-se a $\frac{480}{1:000}$, em Serra Leôa, no periodo de 1819 a 1838; a $\frac{680}{1:000}$ no Cabo Coast, de 1823 a 1826.

Comparem-se estas fracções, com a que dá a mortalidade media dos paizes da Europa $\frac{24}{1:000}$, e veja-se que espantosa differença!

No Senegal e em Serra Leôa não ha exemplo de uma 3.ª geração de colonos indigenas.

A unica parte da Africa, que parece gozar d'um clima bom, é a sua extremidade meridional, onde os inglezes se dão muito bem na sua colonia do Cabo, e onde prosperam os hollandezes da republica de Trans-Vaal-Boers.

Se exceptuarmos a America do norte, ainda não tivemos occasião de fallar senão de climas quentes e torridos, porque a fertilidade do solo e a belleza do céu attráe os europeus para estas regiões.

Para o lado dos polos quasi que não tem havido senão expedições scientificas. Mas, apezar d'isso, os Slavos habitam paizes situados tanto ao norte, que já se podem considerar regiões polares; de sorte que é possivel marcar, com uma certa aproximação, o termo alem do qual os europeus não podem passar. Em S. Petersburgo as mortes sobrepassam constantemente os nascimentos; e a Islandia offerece-nos ainda um exemplo mais frisante e mais palpavel da impossibilidade que têm os povos de origem aryana de se acclimarem nestas regiões extremamente frias. A sua população Scandinava tem consideravelmente diminuido: era de mais de 100:000 habitantes outr'ora, e hoje é apenas de 60:000. As mulheres são muito fecundas, mas os seus filhos morrem quasi todos na primeira infancia.

Cousa notavel! Os homens do meio-dia da Europa pa-

recem resistir muito mais aos frios intensos do que os homens do norte: prova evidente de que a acclimação a este agente sedativo não é possivel.

Na campanha da Russia, em 1812, foram os italianos, os hespanhoes, os portuguezes, os francezes do meio-dia e mesmo os creolos, que melhor resistiam ao frio; os allemães, hollandezes e russos succumbiam numa proporção enorme.

Eis o que a este respeito diz Larrey: (1)

«A nossa entrada em Osmiana, o meu thermometro Reaumur marcava — 25°, desceu durante a noite a 26° e o acampamento foi terrivel. A gente mal se podia sustentar de pé, e executar o mais simples movimento. Aquelle, que perdia o equilibrio e que cahia no chão, era logo vencido d'um estupôr glacial e mortal. Desgraçado do que se deixava vencer pelo somno! Alguns minutos bastavam para gelar completamente. Em egualdade de circumstancias os temperamentos qualificados de sanguineos e quentes resistiam muito melhor á acção d'este agente sedativo, do que os designados debaixo do nome generico de lymphaticos; tambem a morte respeitou mais os individuos dos paizes meridionaes da Europa do que os dos paizes septentrionaes e humidos, taes como hollandezes, hanovrianos, prussos e outros povos allemães. Os proprios russos perderam por esta causa mais homens, em população, do que os francezes.»

---

(1) *Mémoires de chirurgie militaire et campagnes*, Paris, 1817, t. IV, p. 89 a 139.

Judeus e Bohemios

Terminaremos o estudo da acclimação da raça branca com alguns elementos de estatistica demographica de dois povos errantes, que, parece, resolveram o problema da acclimação illimitada.

Encontram-se judeus na Europa, desde Gibraltar até Norwega; em Africa, desde Argelia até o Cabo da Boa-Esperança; em Asia, desde Cochim até o Caucaso e desde Jaffa até Pekin; na America, desde Montevideu até Quebec; e numa grande parte da Australia que invadiram, ha 50 annos.

Existem 4:300:000 judeus assim distribuidos:

Europa.	3:600:000
Africa	450:000
Asia	200:000
America	48:000
Australia.	2:000

D'este numero contam-se, pouco mais ou menos, 400 no Canadá, 40:000 nos Estados-Unidos, 2:500 nas Antilhas e nas Guyanas, 400:000 no norte da Africa, 170 no Cabo da Boa-Esperança, 200:000 na Persia e Turquia de Asia, 100:000 no Turkestan, 307 em Calcutá.

Em todos estes paizes a mortalidade dos judeus é menor do que a dos naturaes. Sobre 100 habitantes ha um crescimento annual de:

1,4 em Hollanda
1,8 em França
2,1 na Baviera rhenana
3,1 na Suissa
4,1 na Belgica
5,3 em Argelia.

Em nenhum dos povos indigenas dos paizes mencionados ha um crescimento de população tão rapido. Assim o crescimento annual sobre 100 habitantes é de:

0,90 em Hollanda
1,84 na Prussia
0,71 na Baviera
0,76 Belgica
0,59 França (1).

Os bohemios, assim denominados pelos francezes, porque os conheceram pela primeira vez vindos da Bohemia, conhecidos entre nós pelo nome de *ciganos,* e entre os hespanhoes pelo de *Gitanos,* formam egualmente um povo errante, cuja origem não é conhecida. Parecem indios por certos costumes, egypcios por outros, de sorte que os auctores hesitam entre estas duas origens.

Seja como for, os bohemios resistem á acção dos climas os mais variados, quasi tão bem como os judeus.

Avalia-se o seu numero total em 600:000 ou 700:000: 250:000 em Valachia e em Moldavia; 40:000 a 50:000 em Hespanha; 30:000 em Hungria; 18:000 na Inglaterra. Um pequeno numero vive em França, Allemanha e Italia. Actualmente já se encontram bohemios na Asia, na Africa, no Brazil e na America do norte.

Raça preta.

A pouca exactidão, que têm os documentos relativos ao movimento de população dos negros, e o máo tractamento

(1) Boudin, *Traité de Géog et de statist. méd.*, Paris, 1857, t. 2.°, p. 138 e 65.

que estes desgraçados soffrem por toda a parte, impossibilitam-nos de conhecer rigorosamente a parte de destruição, que pertence na realidade á influencia do clima, quando passam do seu paiz para outro situado numa linha isothermica differente. Aproximadamente póde-se admittir que o preto não goza de um poder de acclimação superior ao da raça branca.

O preto morre extraordinariamente no norte da Africa, particularmente no Egypto, aonde não poderam ainda sustentar-se pela geração, apezar de serem lá muito bem tractados. Os que alli existem são mantidos pela emigração.

Um regimento de negros, posto de guarnição em Gibraltar, em 1817, foi quasi completamente destruido pela phtysica pulmonar, no curto periodo de 15 mezes.

Nas Antilhas, aonde o clima é muito similhante ao da maior parte das regiões da costa de Guiné, d'onde se fez a maior escravatura para a America, ha uma mortalidade de negros sempre superior aos nascimentos. Esta mortalidade é tal, que o coronel Tulloch assevera que antes de um seculo a raça negra terá quasi completamente desapparecido das Antilhas inglezas. Com effeito, de 1816 a 1832, a população negra das Antilhas tem sido constantemente de 691,171 individuos, dos quaes 345,328 são do sexo masculino, e 350,851 do sexo feminino. Sobre este numero verificou-se, no mesmo periodo, uma mortalidade de 10,390 habitantes e 8,652 nascimentos do sexo masculino; 8,826 mortes, e 8,565 nascimentos do sexo feminino; isto é, uma morte sobre 36 individuos dos dous sexos, e um nascimento sobre 40. D'aqui resulta uma diminuição annual de 2:000 individuos.

Uma tal estatistica provaria que, se o preto tende a

desapparecer das Antilhas, é porque o numero dos nascimentos é menor do que o dos obitos; mas as testemunhas oculares affirmam que a mortalidade é muito superior á que dão estes algarismos. M Moreau de Jonnés diz que a perda annual da Jamaica, reputada de 758 negros por estas estatisticas, era de 7:000 (1). Esta mesma noticia é confirmada por M. de Humboldt.

Em Mauricia, sobre uma população de 60:000 houve um excedente de 6:000 mortes sobre os nascimentos, no periodo de 5 annos.

Na ilha de Ceylão não se achava, em 1841, nenhum signal de 9:000 negros, que tinham sido importados pelo governo hollandez antes da dominação ingleza.

Sobre 4:000 a 5:000 negros importados pelos inglezes desde 1803, não restavam na mesma epocha senão 200 a 300, apezar de se terem tomado todas as precauções para perpetuar a sua raça pela importação d'um numero conveniente de mulheres.

Os negros morrem muito nos Estados Unidos do norte; e no hemispherio do sul a sua mortalidade começa a ser consideravel em Rio Grande.

Raça amarella. Os chinezes têm nas Antilhas uma mortalidade superior á do seu paiz natal; mas o chinez tolera difficilmente a escravidão, e só pelo suicidio mattam-se aos milhares, de sorte que na sua mortalidade não sabemos o que recahe sobre a acção do clima, e o que é devido ás

(1) Boudin, *Journal de Physiologie*, 1860, p. 381.

consequencias dos maus tractos e do constrangimento moral.

Uma experiencia de 8 annos feita nas Antilhas francezas sobre 16,859 asiaticos, mostra que a sua mortalidade foi duas vezes menor do que a de 11,984 negros, importados no mesmo tempo. Este facto explica-se pela differença no poder de acclimação das duas raças e pela origem dos coolias e dos chinezes, que vêm os primeiros da costa da India, cuja temperatura é similhante á das Antilhas, os segundos do sul da China, que está nas mesmas circumstancias. Os chinezes supportam o trabalho na California, na Australia, em Bourbon e no golfo do Mexico.

IV

Effeitos produzidos sobre o organismo pelos paizes quentes salubres

Podem objectar-nos, contra as estatisticas demographicas de todos os paizes mencionados, que a grande mortalidade não é devida á influencia da elevada temperatura d'essas regiões, mas sim ás condições locaes de insalubridade. Responderemos que, se o calor não obra directamente, obra indirectamente; e que, sendo as condições de salubridade tão difficeis de encontrar nos climas torridos, podemos enunciar, como lei geral, que as linhas isothermicas de todas as localidades, excedendo a temperatura de 20 graus, representam regiões quasi sempre inhabitaveis para europeus. Que alem d'isso, a mortalidade enorme das crianças nesses paizes, por doenças extranhas á infec-

ção miasmatica, não se explica pelas condições locaes de insalubridade.

E finalmente, para comprovar que a acclimação nos paizes torridos não é possivel, ainda nos mais salubres, transcreveremos a descripção, que faz Jules Rochard, do acclimado nessas regiões.

«O europeu que chega a um paiz quente, mas salubre, não tem tributo a pagar ás doenças, porque não se póde dar este nome ás erupções lichenoides ou furunculosas de que é muitas vezes atacado.

Durante algum tempo, goza da plenitude da sua saude, supporta sem difficuldade o trabalho e a marcha debaixo da acção directa dos raios do sol, póde conservar sem grande difficuldade os vestuarios que trazia no seu paiz, e o seu aspecto contrasta com o dos seus compatriotas chegados desde mais tempo. O recem-chegado esgota bem depressa este fundo de vigor que tinha trazido. O seu appetite diminue, a sua côr empallidece, a sua actividade physica e intellectual extingue-se; as funcções da pelle e as do figado exageram-se, a hematose e a nutrição perdem a sua energia.

Se o paiz em que se fixou tem estações bem distinctas, se é possivel ir respirar, de tempos a tempos, nas montanhas, um ar mais vivo e mais fresco, pode manter-se neste estado, que é em summa compativel com a saude. É o que acontece na ilha da Reunião, por exemplo; mas, quando o logar que habita é submettido a uma temperatura constantemente elevada, e que não lhe é permittido sahir, a deterioração vai crescendo, á diminuição do appetite succede essa dyspepsia gastralgica tão frequente e tão tenaz debaixo dos tropicos, o sangue empobrece

mais, e não tardam a manifestar-se as perturbações nervosas.

Estas desordens, que compromettem raramente a existencia, constituem o que chamamos a anemia dos paizes quentes. Póde ser observada em toda a zona torrida, mas não se acha no estado de pureza e exempta de complicações, senão nas localidades salubres, em Pondichery por exemplo. É evidentemente este estado que se tem descripto debaixo do nome de temperamento do acclimado; mas, como não é precedido de nenhum phenomeno critico e não póde dar nenhuma immunidade, não podemos ahi ver senão um estado doentio, que é preciso remediar em breve, reenviando o doente á sua patria (1)».

(1) Jules Rochar, Dict. cit., art. acclimatement, p. 192.

V

Conclusão

O problema da acclimação é tão complexo que nos foi impossivel resolvel-o absoluta e definitivamente.

Pensamos que ha differenças capitaes no poder de acclimação, não só entre as diversas raças humanas, mas ainda entre as familias de uma mesma raça.

Os povos da familia indo-europea não podem formar pelo processo da grande acclimação, colonias persistentes alem da linha isothermica do norte da Africa. Na antiguidade, gregos, latinos e vandalos succumbiram nas suas emprezas de colonisação naquella região. Modernamente, francezes e allemães tambem lá offerecem uma mortalidade muito superior aos nascimentos. E o Egypto é o exemplo mais notavel da inclemencia d'aquellas regiões para os povos aryanos.

Os Semitas habitando, numa linha, pouco mais ou menos isothermica com a da Africa septentrional, vivem lá facilmente, assim como nos climas torridos, de cuja influencia não têm que soffrer senão a pequena acclimação. É por isso que os judeus, verdadeiros representantes da familia semitica, são considerados um povo cosmopolita.

Citando o facto do estabelecimento dos aryas no Indostão, apontámos a possibilidade que têm os povos seus descendentes de se acclimarem nos paizes situados na zona torrida, seguindo a pequena acclimação, mas este processo é impraticavel nas modernas emprezas de colonisação. Os europeus, que se expatriam, procuram immediatamente a colonia aonde podem realisar o seu bem-estar. Os governos que enviam tropas para as suas possessões, não podem egualmente cumprir as exigencias da pequena acclimação, porque não é com um ou dous annos de paragem nos pontos intermedios, entre o ponto de partida e o paiz a que se destinam, que se póde conseguir a pequena acclimação, é sómente pela passagem gradual e secular de um paiz para outro, de linhas isothermicas pouco differentes.

Os inglezes mandavam estanciar os seus regimentos em Gibraltar e na ilha de Malta antes de passarem á costa occidental da Africa ou á India; hoje abandonaram uma tal practica, porque a experiencia demonstrou que a mortalidade se conservava a mesma, quer os enviassem directamente ao seu destino, quer lhes dessem estações intermediarias.

O remedio que hoje se reconheceu mais efficaz, consiste em destacal-os na estação mais fria, e não deixal-os permanecer naquellas regiões por mais de um anno. Prova

evidente de que lá a simples acclimação individual é impossivel.

Para o norte a acclimação é mais facil, mas parece ter o seu limite na Islandia.

Os pretos parecem gozar de um poder de acclimação quasi tão limitado como o branco. Não só morrem em grande numero nas deslocações segundo as longitudes, mas ainda, como era de esperar, segundo as latitudes.

A raça amarella parece resistir muito melhor á acção de todos os climas.

Graves objecções se levantam contra a opinião que tentámos sustentar na primeira parte d'este trabalho.

Diz-se: a acclimação em Argelia é possivel transformando as condições locaes de insalubridade;

A colonisação das Canarias, da Madeira, Bourbon e Mauricia foi muitissimo facil, e todavia estas ilhas estão mais proximas do equador do que a extremidade do norte da Africa.

A Abyssinia, muito mais ao sul do que o Egypto, é o modêlo dos paizes salubres;

Na Asia, Pondichery é o typo de salubridade dos climas torridos;

Os hespanhoes e portuguezes acclimam se perfeitamente na America tropical, e na America do sul, em paizes mais quentes do que o norte da Africa, etc. etc.

Logo são as condições locaes e não a temperatura que impedem a acclimação.

As considerações, que apresentámos até aqui, responderão a todas estas objecções.

SEGUNDA PARTE

Será possivel a acclimação dos europeus nas possessões portuguezas ultramarinas?

I

Possessões africanas

Para expormos com toda a clareza o que vamos dizer sobre a acclimação dos europeus nas nossas possessões ultramarinas, é conveniente lembrar as distincções que estabelecemos entre acclimação individual e de raça, e entre a pequena e grande acclimação.

Dissemos que a primeira não exige, para a sua realisação, senão que o emigrado possa viver nas novas condições de meio; que a segunda só é possivel, quando as gerações indigenas dos colonos podem manter-se sem novos contingentes da metropole, e podem cultivar o solo que as deve nutrir; que a terceira e quarta differem entre si, pela maior ou menor rapidez, com que se faz a emigração. Se os emigrados passam lenta e gradualmente de um paiz para ou-

tro de temperatura sensivelmente differente, seguem o processo da pequena acclimação; se a passagem se faz rapidamente, então verifica-se a grande acclimação.

— Por emquanto nas possessões portuguezas de Africa não é possivel apreciar senão a primeira e quarta especie de acclimação, porque nem ha naquellas regiões colonos indigenas de 2.ª ou 3.ª geração, em numero sufficiente para se formar qualquer generalisação, nem tão pouco os europeus, que para lá se dirigem, costumam estanciar em paizes intermedios.

As familias portuguezas, enviadas outr'ora para a Africa com o fim de formarem o nucleo de futuras colonias, foram completamente absorvidas pelo sangue indigena. É o que aconteceu nas ilhas do Cabo-Verde, para onde o infante D. Henrique mandou, no seculo XV, logo depois de serem descobertas, algumas familias do Algarve e Alemtejo, que se estabeleceram em S. Thiago e no Fogo, e lá se foram propagando pelas uniões directas, e pelo cruzamento com os negros do paiz, e com os que vinham como escravos da Guiné, por tal fórma, que a população d'essas ilhas é hoje toda preta, com raras excepções de alguns pardos.

Não podemos, pois, estudar nas nossas possessões de Africa, senão a acclimação individual do europeu, tal como ella hoje se realisa, isto é, pelo processo da grande acclimação.

— É inutil dizer que excluimos da nossa revista as colonias que, pela sua posição geographica ou pelas suas condições locaes, gozam de um clima tão suave como o de Portugal, e talvez ainda mais salubre (Madeira e Açores).

Costa occidental de Africa. O territorio que possuimos d'este lado da Africa é de uma extensão immensa, e é todo comprehendido na zona torrida entre 17° de latitude norte e 15° de latitude sul. Compõe-se, no hemispherio norte, das ilhas do Cabo-Verde, e dos districtos de Cacheu e Bissao; no equador comprehende as ilhas de S. Thomé e Principe; e no hemispherio sul, Loanda, Benguella e Mossamedes.

Não nos foi possivel encontrar em toda a collecção dos boletins do Ultramar a estatistica da população europea, existente nestas colonias; mas, a julgarmos pelo diminuto numero de população livre, em que entram asiaticos, mouros, persas, banianes, gentios, e pretos livres indigenas, pensamos que essa população não será superior a dous mil, formada quasi exclusivamente de portuguezes, comprehendendo as guarnições e os empregados publicos. Esta grande falta de colonos europeus não é peculiar ás nossas possessões; os francezes e inglezes têm lutado com enormes difficuldades para fazerem colonias florescentes no Senegal e em Serra Leôa, e até hoje, alem das guarnições que para lá enviam, pouca gente procura aquellas paragens. E todavia, a costa occidental de Africa offerece, pelo commercio com os pretos, pela industria, pela agricultura e pela exploração de minas, um vasto theatro de riquezas, que seriam avidamente procuradas pelos europeus, se não fosse a acção deleteria do clima.

Na realidade, a zona tropical da Africa comprehende os paizes mais doentios do mundo, o que facilmente se explica pelas condições geraes do clima e pelas condições locaes do solo. Com effeito, a sua temperatura conserva-se numa media annual de 27°,6, media que não é sensi-

velmente modificada pelas differenças de latitude. As variações mensaes são egualmente pouco notaveis; a differença entre o mez mais quente e o mez mais frio não excede 5°,4. As variações diurnas são pelo contrario muito notaveis, podem ás vezes attingir os numeros elevadissimos de 22, 25, 30 e mais gráus.

Na Africa tropical não ha estações distinctas; conhece-se apenas a estação das chuvas e a do estio, que se confundem á medida que nos approximamos do equador, aonde o anno é egualmente quente e chuvoso em todos os mezes. No hemispherio norte, na latitude de 16°, a quadra das chuvas começa em junho e termina no meado de outubro. Em Serra Leôa começa em abril ou maio; e na costa do Ouro no mez de março. No hemispherio sul, a mudança das estações segue uma marcha inversa.

Nesta mesma região tropical os ventos são muito regulares. Na estação secca sopram os ventos do nordeste, que vêm do interior, escandescentes e carregados de nuvens de pó, determinar no litoral uma elevação de temperatura, que as brizas do largo não podem modificar senão muito ligeiramente.

Na estação das chuvas reinam os ventos do noroeste, ou ventos do largo, que são habitualmente interrompidos de manhã e de tarde pelas brizas da terra.

As condições locaes do solo acham-se admiravelmente descriptas nas seguintes linhas de Jules Rochard (1): «A costa occidental de Africa, constituida por areias e terrenos de alluvião, submettida ás inundações periodicas dos

(1) Dict. cit., art. acclimatement, p. 199.

seus grandes rios, apresenta uma successão de desertos e de pantanos immensos, theatro das mais terriveis endemias. As nossas possessões do Senegal, as nossas feitorias da costa do Ouro, são do numero das colonias mais doentias. A mortalidade media das nossas tropas eleva-se, pouco mais ou menos, a $\frac{11}{100}$, e em algumas epidemias excedeu a metade do effectivo (Dutroulau). As feitorias inglezas não são mais favorecidas; em Serra Leôa, a mortalidade media eleva-se a $\frac{48,3}{100}$, e no Cabo Coast a $\frac{66,8}{100}$ (Boudin). Seguramente, a raça europea não póde acclimar-se em taes localidades».

A Africa foi sempre considerada o paiz da morte. No passado devorou todos os povos da robusta familia indo-europea; os viajantes, os exploradores, ávidos de curiosidades ou de descobertas scientificas, têm pago com a vida a sua curiosidade ou o seu amor da sciencia; os colonos, que a avidez da riqueza convida para aquellas ferteis regiões, ou succumbem ás febres endemicas, ou voltam arruinados de saude. Isto, que se póde dizer na generalidade de toda a Africa, tem uma applicação absoluta para a região que occupam as nossas colonias da costa occidental, com excepção da pequena villa de Mossamedes.

Na verdade, estas possessões reunem aos terriveis effeitos produzidos pelos climas intertropicaes (ainda os mais salubres) as perniciosas consequencias das suas doenças endemicas. Podemos dizer que as doenças dos climas torridos encontram-se no seu mais alto gráu de intensidade, em toda a extensão da Africa tropical.

As febres paludosas tomam todas as suas formas desde a intermittente simples, até á perniciosa, remittente e pseudo-continua. Nos paizes mais distantes do equador começam em julho, e adquirem o seu maximo de intensidade em novembro e dezembro. Nos pontos mais approximados do equador, em que o anno inteiro é quente e humido, as febres reinam em todo o tempo, mas com mais intensidade quando os calores se tornam excessivos. As ilhas de S. Thomé e Principe estão nessas circumstancias: insalubres em todo o anno, tornam-se insaluberrimas quando reinam os ventos do nordeste em novembro e dezembro; as febres são então da mais alta gravidade. A febre mais frequente nestas localidades, assim como nos paizes mais inficionados e na estação mais quente, é a quotidiana.

D'este typo passa facilmente ao remittente e pseudo-continuo, á medida que nos approximamos do equador, e muitas vezes toma essa forma particular e gravissima, que os medicos francezes da marinha denominam febre biliosa hematurica.

A febre intermittente conduz gradualmente o colono, que habita por algum tempo o solo africano, ao terrivel estado que Jules Rochard descreve nos termos seguintes (1): «Nos paizes de pantanos, situados debaixo da zona torrida, a tolerancia é impossivel. A febre transforma-se, mas não cede; os accessos afastam-se, tornam-se irregulares, mas a cachexia palustre os substitue. A chloro-anemia, as obstrucções visceraes, as hydropisias, condu-

(1) Dict. cit. e art. cit.

zem lentamente o doente a uma terminação funesta, quando um accesso pernicioso não vem apressar o desfecho» (1).

Ácerca da dysenteria, hepatite e colica secca, doenças endemicas nestas nossas possessões, eis o que ainda nos diz Jules Rochard.

«Não póde egualmente haver acclimação para a hepatite e dysenteria. Um primeiro ataque d'esta ultima doença é raramente mortal, mas conduz quasi fatalmente a um segundo, se o doente não deixa o paiz. De reincidencia em reincidencia vê-se estabelecer a forma chronica, e é quasi sempre ella que determina a morte

«A congestão do figado, que precede a sua inflammação, progride sempre debaixo da influencia de um clima ardente, e o perigo de se declarar a hepatite augmenta com a prolongação da habitação.

«A colica secca, emfim, seja qual fôr a opinião que se tenha sobre a sua natureza, é de todas as doenças intertropicaes a que mais seguramente reincide».

Costa oriental. Este lado da Africa é muito menos conhecido, porque, não havendo colonias e feitorias seguidas, não tem sido possivel formar um corpo de observações repetidas e feitas com uma certa regularidade. To-

---

(1) Para confirmar as asserções de Jules Rochard, vid. a excellente descripção que o sr. dr. Filippe do Quental nos faz do habitante das lagôas Pontinas a p. 67 e 68 da sua dissertação inaugural, assim como a de Montfalcon, relativa aos povos da Bresse, a p. 69 do mesmo livro.

davia por 800 observações feitas a bordo da *Cordelière*, durante os annos 1859 e 1860 na costa de Zanzibar, conclue-se que a sua temperatura é um pouco menos elevada e muito mais constante do que a da costa occidental, em egual latitude. Durante o mez de abril a temperatura media foi de 26°,72, a do meio dia de 28°,5, e a da meia noite de 25,5. Durante o mez de novembro e dezembro, a media geral foi de 28°,30, a do meio dia de 29°,9, a da meia noite de 26°,55.

Como se vê, as variações entre o dia e a noite são insignificantes na costa oriental, emquanto que na costa occidental são muitissimo notaveis.

As estações são egualmente duas: a estação secca que, no sul é comprehendida entre abril e outubro; e a das chuvas, que se estende de outubro ao fim de março. No norte dá-se o inverso, como já tivemos occasião de dizer, fallando da costa occidental.

A sua insalubridade é quasi tão notavel como a d'esta ultima; mas a nossa colonia de Moçambique, pela sua posição geographica, está em melhores condições, do que as da costa occidental, principalmente a costa de Sofala e a bahia de Lourenço Marques

Infelizmente as condições locaes annullam as vantagens que lhe daria a sua posição geographica, porque todas as provincias d'aquella colonia são essencialmente paludosas, O sr. Gamitto, que viveu muitos annos em Moçambique, referindo-se a essas condições de insalubridade, affirma a possibilidade de as melhorar. Já tivemos occasião de dizer que este trabalho é muitas vezes impossivel, e offerece sempre enormes difficuldades. Estas difficuldades, na nossa colonia de Moçambique, só são compativeis com a orga-

nisação dos indigenas do paiz, gente tão avessa a esta ordem de trabalhos, que foge para o centro logo que a isso os querem obrigar.

De resto, a população europea existente em Moçambique é insignificante, como se póde ver da seguinte relação feita por villas e districtos nos annos de 1861, 1863, 1864.

População europea

Localidades	N.° de habitantes	
Villa de Sena (1861).	8	
» (1863).	11	
Districto de Inhambane (1861).	17	
» » L. Marques (1861).	93	5 vendilhões 3 sem emprego 8 negociantes 2 empregados pub. 65 militares 10 mulheres
» » » (1864).	73	
» » Sofala (1861)	42	
Tete »	86	

Com uma população tão diminuta, e constituida quasi exclusivamente pela guarnição, que se renova frequentes vezes, é quasi impossivel formar estatistica.

Concluimos portanto, que a acclimação é impossivel nas nossas colonias da costa occidental de Africa, exceptuando Mossamedes; e difficil em Moçambique.

Para tirarmos esta conclusão servimo-nos quasi exclusivamente de trabalhos estrangeiros, porque, nossos, não os ha. É uma vergonha para o nosso paiz dizer-se que a saude dos colonos africanos tem sido cousa tão desprezada, que até hoje o governo portuguez ainda não cuidou em mandar estudar as causas das suas doenças, para as removêr, sendo possivel, nem tão pouco pensou em mandar levantar uma estatistica da mortalidade e dos nascimentos, para saber se os individuos para alli enviados são fatalmente destinados a morrerem victimas do clima.

Pouco importa a saude e a vida dos colonos, se das nossas colonias se póde tirar muitas riquezas,— eis o pensamento que até hoje parece ter dominado a mente dos politicos, e dos homens da nossa governação. Os francezes têm levantado estatisticas rigorosas e fundado muito bons hospitaes na sua insignificante colonia do Senegal: Qual é o hospital construido, com as mais indispensaveis condições hygienicas em qualquer das nossas possessões africanas? Os que lá existem são uns casebres, que nem tal nome merecem.

Felizmente que a homogeneidade do clima africano, em todo o litoral, nos permittiu que aproveitassemos do estudo feito pelos escriptores francezes sobre a acclimação dos europeus na sua colonia do Senegal, e nas feitorias inglezas de Serra Leôa e do Cabo Coast, para rastrearmos o que deve acontecer nas nossas possessões africanas da costa occidental; aliás ver-nos-hiamos na impossibilidade de dar uma resposta, firmada em qualquer observação scientifica.

Mas por esta feliz coincidencia julgamos que o nosso juizo sobre a acclimação dos europeus nas nossas possessões africanas se approxima muito da verdade, e por isso deve perder-se a esperança de formar verdadeiras colonias naquellas regiões. Desejariamos dar outra resposta, porque não ignoramos que a colonisação na costa occidental da Africa nos interessa muito, pelo commercio em grande escala, que lá se faz, e por ficar mais proxima da Europa que a costa oriental; mas a verdade scientifica está acima de todas as considerações economicas. Pelo contrario Moçambique, economicamente fallando, interessa-nos menos, não só porque o seu commercio é insignificante, mas ainda porque nos fica muito distante.

(1) Não seria melhor vender Moçambique, e conservar as possessões do occidente como simples feitorias? Este alvitre, lembrado por quasi toda a gente sensata do paiz, é repellido pelo cego patriotismo portuguez; mas não haverá talvez um meio mais simples e mais prompto para matar o nosso *deficit*, que é hoje a causa de todas as dissidencias politicas, e do atrazo da instrucção publica, da industria, e da agricultura. A verdade deve ser dicta: as condições locaes de Moçambique não podem ser melhoradas senão á custa de muitos milhares de victimas, que Portugal não póde nem deve sacrificar, porque é um paiz pequeno, e a sua população insignificantissima, e sobretudo porque um tal procedimento é barbaridade e flagrante injustiça. Imagine-se quantas victimas seriam necessarias para o saneamento de Moçambique, quando a edificação de 6 ou 8 casas em Bissáo e a construcção de um pequeno cáes custou a vida de 2:000 trabalhadores portuguezes.

II

Possessões da India

Entre o clima da India, de que vamos fallar, e o da Africa que acabamos de descrever, ha uma certa analogia, e ao mesmo tempo grandes differenças. Em uma e outra parte encontram-se paizes tão insalubres e tão quentes, que a vida do europeu torna-se alli quasi impossivel. Mas emquanto o continente africano, comprehendido na zona torrida pelos tres quartos da sua extensão, offerece por quasi toda a parte um solo arenoso e arido, semeado de largos platós, pouco elevados e embrechados, sobre os quaes se levantam algumas cadeias de montanhas nuas, das quaes as mais elevadas não excedem 2:000 metros em altura, a India pelo contrario, limitada ao norte pelo Himalaia, a ca-

deia de montes a mais elevada do globo, cujas montanhas excedem 8:000 metros em altura, e percorrida do norte ao sul pelos Ghattes, offerece valles risonhos e ferteis, cortados por muitos veios de agua, platós elevados, aonde encontramos as melhores producções dos mais ferteis paizes do meio-dia da Europa, e vemos finalmente nos cimos das suas montanhas os eternos gelos das regiões polares.

Por todas estas circumstancias, o clima da Africa, homogeneo em quasi toda a sua superficie, é o mais insalubre do mundo, emquanto que o da India, apezar d'esta peninsula estar toda comprehendida na zona torrida, passa por todos os gráus desde os frios rigorosos do norte da Europa, até aos calores excessivos das regiões tropicaes. No litoral e nas planicies do interior, a temperatura é elevadissima; milhares de observações, feitas numa e outra parte, dão uma media annual de 26°,6. Pelo contrario, nas encostas das montanhas, ha residencias em que a temperatura media é apenas de 10°,13°,15°, conforme a altura da sua situação. É lá que os inglezes e francezes vão retemperar o seu organismo, enfraquecido pelos calores do litoral, quando não vêm á Europa, ou a alguma das suas colonias de temperatura mais baixa, como é a do Cabo da Boa Esperança para os inglezes.

As doenças mais frequentes na India, e por assim dizer, endemicas, são a cholera, a dysenteria, a hepatite e as febres intermittentes. A cholera ataca de preferencia os indigenas, mas as febres paludosas e a dysenteria dizimam cruelmente a população colonial, e por uma fórma tal, que a mortalidade cresce de anno para anno. Na presidencia de Bengala a mortalidade eleva-se a $\frac{74}{1:000}$ e na de Bombay,

que avisinha as nossas possessões a $\frac{51}{1:000}$. Na costa de Coromandel, considerada a parte mais salubre do litoral, a mortalidrde é muito menor, pois que o seu numero não excede a $\frac{33}{1:000}$; porem, a chloro-anemia dos paizes quentes é lá tão manifesta, e tão pronunciada que as guarnições precisam ser renovadas frequentes vezes, e os colonos vêem-se obrigados a retemperar o seu organismo em estações, situadas a diversas alturas, nas encostas dos Ghattes ou nas ultimas ramificações do Himalaia, ou emfim na Europa ou em qualquer colonia de temperatura mais baixa, como já tivemos occasião de dizer.

Os portuguezes e hespanhoes, talvez pela circumstancia de girar nas suas veias sangue semitico, devem ter menos difficuldade que os inglezes e francezes de se acclimarem nas nossas possessões da India; mas ainda assim julgamos essa acclimação muito hypothetica.

Ainda hoje existem em Malaca descendentes de antigos portuguezes, que alli se fixaram, quando esta peninsula foi tomada pelo nosso grande Affonso de Albuquerque, e porisso talvez esta circumstancia possa servir de argumento a favor da acclimação do mesmo povo em paizes menos affastados do equador Mas esses individuos não conservam dos seus ascendentes, senão o nome de portuguezes, que ainda usam com orgulho, alguns habitos e algumas palavras muito alteradas. De resto, pelo sangue são verdadeiros malaios.

Terminaremos por aqui a revista das nossas colonias, accrescentando que a India austral é hoje dos inglezes, e que as nossas possessões naquella peninsula são actual-

mente insignificantes e sem futuro algum. Os europeus existentes em todas ellas, perfazem o numero insignificante de 180 homens e 30 mulheres.

Não fallamos de Solôr e Timôr, aonde apenas temos uma especie de suzerania, numa pequena porção do litoral d'estas ilhas, á qual voluntariamente se submettem alguns dos seus reis.

Macau é simplesmente uma feitoria.

III

Duvidas sobre a possibilidade de formar uma raça de mulatos

As observações, que acabamas de fazer ácerca dos climas da Africa e da India, levam-nos a uma certa descrença de se poder fazer com europeus verdadeiras colonias nas nossas possessões africanas e asiaticas. De ha muito entrou esta mesma ideia no dominio da opinião publica, como se prova pela repugnancia instinctiva, que geralmente se manifesta na Europa, da parte de todos os individuos, que se vêem obrigados, por circumstancias especiaes, a partir para as regiões tropicaes da Africa. Todos deixam a sua patria, a sua familia e os seus amigos, com a profunda tristeza de quem não leva a menor esperança de os tornar a ver. E na verdade, o maior numero morre

victima do clima; e os poucos, que não succumbem, voltam arruinados de saude. Para as nossas possessões de Africa não vão senão os condemnados a degredo, os individuos summamente ambiciosos de riquezas, ou aquelles que, precisando absolutamente de serem empregados publicos, as procuram para lhes ser mais facil o accesso, e poderem em menos tempo alcançar os cargos mais elevados.

Por todos estes motivos já se não accredita na possibilidade de formar colonias nas regiões tropicaes da Africa com portuguezes, e mais geralmente, com europeus; mas appella se para a formação de uma raça de mulatos, parecendo que ninguem imagina que seja difficil ou impossivel constituir taes mestiços em raça vigorosa e permanente. Todavia, para abalar uma confiança tão absoluta, já hoje se acham consignados nos livros dos naturalistas e dos viajantes alguns factos e observações importantes

Em primeiro logar, o pequeno numero de europeus, que necessariamente ha de haver sempre nas nossas possessões de Africa, claramente nos faz prever que o seu sangue influirá, no sangue dos pretos, tanto, como a gotta de agua dôce cahida no oceano. Darwin diz que, se uma das raças misturadas excede numericamente a outra de uma maneira consideravel, a menos numerosa será rapidamente absorvida pela outra (1). Segue-se, pois, como consequencia necessaria, que os mulatos, convivendo quasi exclusivamente com pretos, tenderão constantemente, por successivos cru-

(1) Charles Darwin, De la variation des animaux et des plantes sous l'action de la domestication, 1868, p. 93, t. 2.º

zamentos, a voltar a este ultimo typo. Imaginemos por um pouco o facto extraordinario de não haver o mais leve cruzamento, e de haver exclusivamente uniões directas entre os mulatos. Quem póde affirmar que elles, no fim de um certo numero de gerações, não estarão muito mais proximos do preto que do branco? Actualmente não se póde responder cathegoricamente a esta pergunta, porque ainda se não formou uma verdadeira população de mulatos. Os que existem, são filhos do cruzamento fortuito de brancos com pretos, e misturados com as duas raças cruzadas tendem constantemente a voltar para ellas.

Vê-se, pois, que pelo facto de existir um pequeno numero de europeus nas nossas colonias africanas, não será jámais possivel formar-se uma raça de mulatos, emquanto não mudarem as circumstancias.

Uma outra duvida nos occorre ainda. Quem nos affirma que os mestiços de pretos com portuguezes, apezar de vigorosos e fecundos na 1.ª e 2.ª geração, se conservarão assim indefinidamente? Os que são filhos de inglezes, não conservam esta fecundidade alem da 3.ª geração, o mesmo acontece aos mestiços de certos animaes, e é possivel, porisso, que na 10.ª ou 20.ª geração se esgote tambem a fecundidade tão notavel d'os que descendem de portuguezes.

Talvez possa corroborar esta duvida, o que hoje succede aos polynesianos Estes individuos são os habitantes das numerosissimas ilhas da oceania que, pela sua reunião, formam o que hoje se chama a Polynesia. Pois bem: os polynesianos são uma verdadeira raça mestiça, filha do cruzamento entre pretos, asiaticos e brancos, que ha pouco era florescente, e que hoje tende a desapparecer sem que se

possa explicar este facto verdadeiramente extraordinario. Alguns medicos attribuem-n'o a doenças de pelle e á phtysica; mas estas doenças existiram sempre entre elles, e não vêmos motivo da sua aggravação na actualidade. Darwin suppõe que são os miasmas desenvolvidos a bordo dos navios, e levados para terra pelos que desembarcam; mas este facto não se dá com os indigenas das outras partes do mundo, e por isso uma tal hypothese não é admissivel.

E mal se concebe que estas causas podessem explicar a mortalidade tão rapida dos polynesianos, que na realidade surprehende e nos commove dolorosamente.

O archipelago de Sendwich contava 300:000 habitantes em 1779; em 1861 não existiam senão 67,084.

Na Nova-Zelandia, na mesma epocha, Cook achou 400:000 habitantes; em 1858 este numero era reduzido a 56:049.

Em 1774 avaliava-se a população de Taiti em 240:000 almas; o recenseamento de 1857 deu apenas 7,212 habitantes.

Podiamos ainda citar mais exemplos, mas estes bastam para provarmos um facto, que é hoje, por assim dizer, do dominio do vulgo.

Quando as tres causas, que apontámos, nos dessem razão da grande mortalidade dos polynesianos, não nos explicariam outros factos mais graves: Entre elles a vida media dos dous sexos é actualmente muito mais curta que a d'outr'ora, e a fecundidade das mulheres está consideravelmente diminuida. Uma estatistica official das ilhas de Sandwich deu, on anno de 1849, 4,320 mortes, e sómente 1,422 nascimentos. No mesmo archipelago, de 80 mulheres

casadas, observadas por M. Delapelin, 39 sómente eram mães; e não havia senão 19 filhos nas 20 principaes familias dos chefes (1).

Depois das hypotheses tão pouco provaveis, que acabamos de vêr, para explicar estes factos, talvez a mais racional seja a de suppor que elles são a consequencia necessaria de girar nas veias dos polynesianos o sangue misturado de muitas raças.

Portanto, se fosse possivel, formar em Africa uma população numerosa de mulatos, filhos do cruzamento de portuguezes com pretos, não está demonstrado que uma tal raça fosse duradoura.

Podemos ainda analysar a questão por um outro lado. Não se deseja a constituição definitiva de uma raça de mulatos nas nossas colonias, senão porque se admitte que ella será muito superior, moral e intellectualmente, á raça preta. Ora algumas observações se podem apresentar contra este modo de pensar. Charles Darwin, viajando na America do sul, notou que os mestiços resultantes do cruzamento entre negros, indios e hespanhoes tinham raras vezes boa expressão. Levingston, descrevendo um mulato da Zambezia, que os portuguezes lhe mostravam como um monstro de inhumanidade, faz a seguinte reflexão: «É incomprehensivel porque os mestiços, assim como o homem em questão, são notavelmente mais crueis que os portuguezes, mas o facto é incontestavel. Um habitante dizia a Levingston «Deus fez o homem branco, Deus fez o homem negro, mas foi o diabo quem fez o mestiço».

(1) Quatrefages, les polynesiens, desde p. 59 até 79.

Por outro lado, as experiencias feitas em animaes têm mostrado que o cruzamento, entre raças differentes, produz mestiços viciosos, e com tendencia para a ferocidade do typo selvagem. O conde de Powis importou outr'ora da India animaes de pontas (betail a bosse) completamente domesticados, cruzou-os com raças inglezas, que pertencem a uma especie differente, e os productos sahiram tão viciados que o seu guarda fez notar a Darwin, sem que este o interrogasse sobre esse ponto, quanto elles eram selvagens. O javali europeu e o porco chinez pertencem a duas especies differentes; Sir F. Darwin, tendo cruzado uma femea d'esta ultima raça com um javali, que se tinha tornado muito manso, notou que os filhos, apezar de terem nas suas veias metade de sangue domestico, mostravam-se excessivamente selvagens, e recusavam-se a comer a lavadura como os outros porcos do paiz. Os mestiços do jumento e da egua, não são certamente selvagens, mas são notoriamente obstinados e viciosos (1).

Estes factos experimentaes confirmam as observações feitas por Darwin, Levingston e muitos outros, e fazem-nos duvidar de que se possa fazer com mulatos uma sociedade capaz de civilisação e de progresso.

---

(1) Charles Darwin, obra cit. p. 47, t. 2.º

FIM.

INDICE

Pag.

INTRODUCÇÃO 9

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I — Discussão das theorias sobre a origem do homem 23
Definição de acclimação e suas divisões 34
Definição e divisões dos climas 35
Quadro ethnographico das principaes raças humanas. 40

CAPITULO II — Factos historicos e contemporaneos de colonisação 47
Factos historicos 49

CAPITULO III — Factos contemporaneos 57

CAPITULO IV — Effeitos produzidos sobre o organismo pelos paizes quentes salubres 79

CAPITULO V — Conclusão 83

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I — Possessões africanas. 89

CAPITULO II — Possessões da India 101

CAPITULO III — Duvidas sobre a possibilidade de se formar uma raça de mulatos. 105

CORRECÇÕES IMPORTANTES

Pag.	*Lin.*	*Erros*	*Emendas*
15	4	aquelles	aquellas
17	11	pelos	para os
18	2	Bertillot (1)	Bertillon
23	10	importatissimos,	importantissimos
»	»	para na solução,	para a solução
44	28	Na descripção que fizemos	na descripção que demos.
45	1	raças humanas	populações mestiças
72	10	A nossa entrada	Á nossa entrada.

(1) Este nome acha-se assim escripto em muitas paginas.